



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

WÊNIA KATIÚSSIA PEREIRA QUEIROZ OLIVEIRA

A LINGUAGEM DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CAMPINA GRANDE

2017

WÊNIA KATIÚSSIA PEREIRA QUEIROZ OLIVEIRA

A LINGUAGEM DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Pedagogia

CAMPINA GRANDE

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48l Oliveira, Wenia Katiussia Pereira Queiroz.
A linguagem do desenho na educação infantil [manuscrito]
: / Wenia Katiussia Pereira Queiroz Oliveira. - 2017.
86 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Lenilda Cordeiro de Macêdo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação infantil. 2. Linguagens. 3. Desenho.

21. ed. CDD 371.337

WÊNIA KATIÚSSIA PEREIRA QUEIROZ OLIVEIRA


A LINGUAGEM DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Pedagogia

Aprovada em: 11/12/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Lenilda Cordeiro de Macêdo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



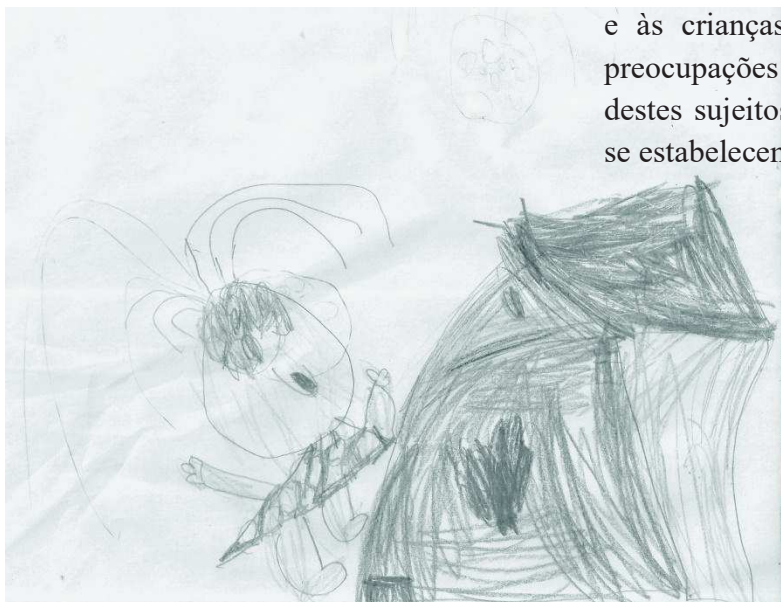
Prof.^a Dr.^a Glória Maria Leitão de Souza Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Ma. Rosemary Alves de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Campina Grande – PB, 07 de Dezembro de 2017.

Dedico às pessoas que diretamente ou indiretamente participaram da minha vida enquanto acadêmica e pesquisadora e às crianças que necessitam e merecem novas reflexões e preocupações que possam auxiliar os profissionais na educação destes sujeitos em suas vivências e interações nas relações que se estabelecem nos meios sociais.



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aquele que deu a vida por mim e que me sustenta em todos os aspectos que é Deus, por me permitir chegar nessa etapa tão especial da minha vida, onde adquiri conhecimentos que servirão de suporte na minha jornada profissional.

Aos meus familiares que não me deixaram desistir e sempre me deram força para que eu pudesse alcançar mais um degrau, especialmente meu esposo Edson que sempre acreditou em mim e fez tudo para que eu fizesse esse curso. Meus filhos Kalliel e Kauê que aguentaram as caras feias, os estresses, as ausências. Foi por eles que cheguei até aqui. Agradeço ainda às minhas mães: Anita que sempre fez tudo por mim e a quem devo um diploma, para completar os filhos com curso superior e à Solange que mesmo não me criando sempre aconselhou e torceu para meu sucesso.

Meus sinceros agradecimentos às colegas de curso que sempre me empurraram para cima e ajudaram no que puderam, especialmente, Fernanda Silva e Isabela Ferreira que fizeram a pesquisa junto comigo, Aline, Dyane, Valéria que sempre compartilharam da minha vida acadêmica.

Meu grande amigo e sobrinho que a vida me deu, Prof. Dr. Daricélio Moreira Soares que não me deixou desistir, que puxou minhas orelhas e ajudou no que pôde.

A todos os profissionais (mestres e doutores) que contribuíram para que adquirisse novos conhecimentos e que estão sempre preocupados em formar novos profissionais comprometidos e competentes, em especial a minha orientadora, Dr^a Lenilda Macêdo que me convidou para fazer parte da pesquisa e que não desistiu de mim, a qual durante minha caminhada acadêmica se fez presente com ensinamentos e conselhos que hoje fazem parte de minha formação. Que soube com delicadeza e responsabilidade me orientar durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Aos profissionais que se dispuseram a responder o questionário e ser entrevistados que contribuíram para que a pesquisa fosse realizada.

O pincel e o criador

Se Desenhar O Céu Colorir O Mar
Navegar Num Barquinho De Papel
Seguindo O Brilho Da Imaginação
Que Sai Do Pincel
Vai Ver A Lua Dançar E O Sol Sorrir
A Terra Com O Sonho Se Encontrar
A Vida Acordar Para Aplaudir
O Amor Cantar
Cada Passo Que Se Dá
Pra Sempre Em Sua Historia As Marcas Vão Ficar
Faça O Bem E O Bem Terá
É Só Acreditar Ter Fé Pra Tudo Realizar
Deixe A Luz De Cada Ser
Mostrar O Solo Que Ainda Não Pisou
Faça O Que Quiser Fazer
Sem Esquecer Que O Amor A Sua Imagem O Criou
Sorrindo, Cantando
Um Pedacinho De Papel
Na Mão Um Lápis E Um Pincel
Pra Retocar A Emoção
Fazer Feliz Um Coração
Luciana Brownie/Alexandre Lorg



RESUMO

Esta monografia é fruto de uma pesquisa realizada em instituições de Educação Infantil da rede municipal de Campina Grande-PB, que objetivou a investigação de concepções de docentes que atuam neste nível da educação, acerca da linguagem do desenho. Optamos por um estudo qualiquantitativo. A metodologia adotada consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com 30 professoras. Nossos principais interlocutores foram: Brasil (2010); Campos (2014); Guedes e Ferreira (2017); Macêdo (2014); Oliveira (2002); Sarmiento (2009). Os resultados sugerem que há unanimidade no reconhecimento da importância do desenho como atividade pedagógica, no entanto, foi possível identificar também que o desenho não é percebido em sua dimensão artística/estética constituindo-se em uma linguagem marginal na prática pedagógica das professoras, as quais privilegiam mais a oralidade, dentre outras linguagens. Em face destes achados concluímos que o desenvolvimento das crianças não é atingido em sua integralidade, pois ao não compreenderem o desenho como uma linguagem simbólica que promove o desenvolvimento da criatividade, da dimensão artística/ estética e afetiva das crianças as professoras acabam por empobrecer as experiências das crianças com os bens culturais produzidos pela humanidade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Linguagens. Desenho

ABSTRACT

This monograph results from a research carried out in kindergarten institutions of Campina Grande (Paraíba, Brazil) municipal network. It aims to investigate kindergarten teachers' conceptions about drawing language and meanings. We have opted for a qualitative and quantitative study. Methodology consisted of semi-structured interviews with 30 teachers. Our main interlocutors were: Brazil (2010), Campos (2014), Guedes & Ferreira (2017), Macêdo (2014), Oliveira (2002) and Sarmento (2009). Results suggest that there is unanimity in recognizing the importance of drawing as a pedagogical activity. However, it was also possible to identify that drawings are not perceived in their artistic/aesthetic dimension. Therefore, they constitute a marginal language in teachers' pedagogical practice, which privilege orality, among other languages. Such findings allow us to conclude that children's development is not achieved in its entirety, because teachers do not understand drawing as a symbolic language able to promote the development of creativity, artistic/aesthetic and affective dimension in children. As a result, teachers end up impoverish children's experiences with cultural goods produced by humanity.

Keywords: Kindergarten. Languages. Drawing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS SOBRE INFÂNCIA E CRIANÇA.....	13
1.1 Infância e Criança na Perspectiva da Sociologia da Infância.....	17
1.2 Culturas Infantis	19
CAPÍTULO II: A LINGUAGEM DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
2.1 A Dimensão Estética no Currículo da Educação Infantil.....	23
2.2 As Artes Visuais na Educação Infantil.....	25
2.3 O Desenho como Linguagem e Produção Cultural da Criança	27
2.4 A Dimensão Estética na Formação Docente Docente	32
CAPÍTULO III: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES SOBRE LINGUAGENS E DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.	35
3.1 Procedimentos Metodológicos e Contexto da Pesquisa	35
3.2 O Trabalho com as Linguagens no Berçário	37
3.3 O Trabalho com as Linguagens no Maternal.....	42
3.4 O Trabalho com as Linguagens na Pré-Escola.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE	61
QUESTIONÁRIOS E RESPOSTAS.....	59

INTRODUÇÃO

“O ato de desenhar envolve a atividade criadora; é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa e outros o que permitirá” (Lowernfeld, 1970 p.16)

Trabalhar na Educação Infantil aconteceu por acaso na minha vida. Em uma visita a escola dos meus filhos para reclamar de atividades inadequadas para a idade deles. Em conversa com a coordenadora da escola recebi o convite para assumir uma turma da Educação Infantil V. Fiquei surpresa e assustada, pois nunca havia passado em minha mente em trabalhar com educação. Agradei e falei não querer porque não tinha formação para tal função e a coordenadora e seu esposo falaram que havia um tempo que vinham observando o meu jeito e as reclamações, com fundamentos, que fazia e que tinha competência para levar a diante o trabalho com as crianças. Pensei muito e resolvi aceitar o desafio. O que foi muito difícil, pois como já falado, não tinha experiência alguma.

Fiquei três dias com a professora a qual iria substituir, observando como fazia e estudando como planejar e assuntos a expor. Foi onde ouvi falar pela primeira vez em Piaget, Vygotsky e Wallon em uma coleção chamada: “Para casa ou para sala”, de Lourdes Eustáquio Pinto Ribeiro e me levou a ler sobre esses teóricos, onde, por exemplo, Vygotsky fala da importância do desenho para o desenvolvimento da aprendizagem infantil. Diante de tantos desafios fui me apaixonando pela Educação Infantil, pois perceber que podemos contribuir com o desenvolvimento intelectual, afetivo, social e motor de uma criança é muito prazeroso e gratificante. Decidi prestar Vestibular para Pedagogia e passei na Universidade Estadual da Paraíba. Mais um desafio em minha vida, pois tenho que ser exemplo para meus filhos e marido, que depositaram todas suas fichas em mim.

Mas, para chegar ao tema escolhido para defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), voltei à sala de aula que foi onde observei que através do desenho a criança expressa o que sente, pensa, solta sua imaginação. Trabalhei durante o ano todo o desenho infantil onde as crianças uma semana escolhiam uma história para recontar, outra a história era escolhida por mim e outra ficava a critério deles sobre o que desenhar. De início não tinha pensado nesse tema, foi um convite feito pela minha orientadora Dr^a Lenilda Cordeiro de Macêdo para participar de uma pesquisa, que surgiu esse tema e ao iniciar lembrei de minha prática como professora e como mãe, pois vi o desenvolvimento dos meus alunos e filhos através do desenho. Claro que na época não tinha a visão que tenho agora, pois não tinha “bagagem

teórica” para justificar o que via nas atividades propostas. Por fim, estou neste momento concluindo o meu TCC e desejo que a pesquisa realizada possa contribuir para melhorar a minha prática pedagógica e a de outras professoras que atuam na Educação Infantil.

Nos últimos anos, viu-se na educação básica brasileira diversos avanços, no que se refere à legislação e estabelecimento de normas e diretrizes, no tocante a educação infantil, como notadamente podemos observar: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - 9.394/96); Referencial Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - RCNEI, Parâmetros de Qualidade na Educação Infantil, Diretrizes Curriculares da Educação Infantil – DCNEI, sendo estes os principais. Na essência, todos esses esforços visam promover a melhoria no atendimento a criança de 0 a 5 anos. A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica tendo por objetivo o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos cognitivo, afetivo, social e motor, em colaboração com as famílias.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI recomendam que as propostas pedagógicas da educação infantil busquem proporcionar experiências de aprendizagem através das múltiplas linguagens, como: atividades teatrais, leitura, jogos, música, escrita, brincadeiras, dentre outras. No entanto, algumas pesquisas (BRASIL, 1998; MACÊDO, 2014) indicam que nas práticas pedagógicas em instituições de Educação Infantil e escolas há linguagens mais privilegiadas, em detrimento de outras. Reconhecendo que cada uma tem sua importância e oportuniza a aprendizagem e o desenvolvimento da criança em suas dimensões motora, cognitiva, afetiva e social é salutar se reconhecer a importância de promover experiências as crianças por meio das múltiplas linguagens contribuindo para o desenvolvimento integral da criança.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI destacam que a Educação Infantil se orienta não para conteúdo ou o conhecimento formal e, que antes de tudo, atua sobre dois eixos fundamentais: a interação e a brincadeira. Considerando estes eixos, é válido refletir sobre as diversas linguagens que as crianças devem experimentar e se comunicar com o mundo para compreendê-lo, reproduzir as culturas instituídas e produzir culturas infantis.

Em maio de 2016 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/96) inclui as Artes Visuais, como também, a dança, a música e o teatro como disciplinas obrigatórias na educação básica (da Educação Infantil ao ensino médio). Segundo Ana Mae Barbosa (REVISTA ÉPOCA, 16/05/2016), especialista em arte-educação no Brasil, a criança e adolescente em contato com artes trabalha sua inteligência e o raciocínio, como também, o

afetivo e o emocional, além de poder estimular o trabalho em grupo. O que justifica sua obrigatoriedade na educação, em especial na Educação Infantil, pois trabalha a criança em sua totalidade, possibilitando, assim, o desenvolvimento “completo”.

O desenho é uma cultura infantil, na qual a criança vai externar o que pensa e sente da forma que ela vê e não como os adultos gostariam que fosse. Através do desenho a criança percebe que mesmo sem saber escrever ela pode representar a realidade com seus rabiscos iniciais. Através do desenho a criança cria, viaja na sua imaginação. O desenho é uma das linguagens mais importantes para o desenvolvimento infantil, pois possibilita a criança expressar o que sente e pensa, representa a realidade e amplia seus conhecimentos na interação com outras crianças. O RCNEI (BRASIL, 1998) afirma que artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentidos a sensações, sentimentos, pensamentos e realidades por meio da organização de linhas, formas, pontos, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc.

Diante deste contexto é válido investigar a importância do desenho na educação infantil em determinados cenários locais. Com este estudo, pretende-se responder à seguinte questão de pesquisa: a percepção de professores sobre o desenho na educação infantil tem influência sobre a prática destes professores?

Nosso objetivo constituiu-se em investigar a percepção das professoras sobre as linguagens e, em específico, sobre o desenho. Para a produção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 30 professoras que atuam em instituições de Educação Infantil na rede municipal de Campina grande-PB.

O presente texto está estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo versa sobre as concepções de criança e infância ao longo da história, infância e criança na perspectiva da Sociologia da Infância e Culturas Infantis. O segundo capítulo discute a dimensão estética no currículo da educação infantil, as artes visuais, o desenho como uma linguagem e produção cultural da criança e a formação docente na perspectiva da arte educação. O terceiro capítulo trata sobre o contexto da pesquisa, os procedimentos metodológicos e a análise dos dados. Por fim, as considerações finais.

1



¹os desenhos são arquivo pessoal de produção do meu filho Kauê Iago como atividade escolar no ano de 2011.

CAPÍTULO 1 - CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS SOBRE INFÂNCIA E CRIANÇA

Neste capítulo discutiremos as concepções de criança e infância, historicamente construídas, fazendo uma comparação entre as diferentes visões a cerca da criança e infância. Abordaremos, também, a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento infantil. Para tanto, um conjunto de conceitos teóricos são essenciais a compreensão da pesquisa apresentada neste trabalho. Este capítulo define e discute os principais conceitos que dão embasamento ao estudo realizado.

O ser criança sempre existiu, mas a visão de um ser singular, diferente do adulto é moderna, como também, a ideia de infância. A infância existe desde os primórdios, só que sua percepção como uma categoria e construção social, como já falado anteriormente, deu-se a partir dos séculos XVI e XVII como Carvalho afirma:

[...] A aparição da infância ocorreu em torno do século XVIII e XIX, mas os sinais de sua evolução tornam-se claros e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVII no momento em que a estrutura social vigente (Mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância (CARVALHO, 2003, p.47).

Para uma compreensão abrangente sobre o conceito de criança e de infância é importante olhar o passado, pois são pressupostos que se completam e são culturalmente determinados e historicamente construídos. Sabe-se que o conceito de criança existe desde os primórdios, mas o sentimento de infância não, esse era ausente até o século XVI, surgindo nos séculos XVII e XVIII, segundo estudos de Ariès (1981) que utiliza o termo “sentimento de infância” para referir-se à postura do adulto para com a criança, postura essa que se desenvolveu primeiramente com crianças de classe social mais elevada.

No século XVII foi possível observar o começo de distinções entre adultos, pessoas de diferentes classes sociais e as crianças. Ariès (1981, p. 25), afirma que:

[...] desde o século VXII aconteceu uma distinção entre atividades praticadas por adultos (mais elaboradas) e as praticadas pelas crianças e pessoas pertencentes ao povo pobre [...] a consagração do adulto honrado e civilizado em distinção à criança, pela expectativa social produzida ao longo deste século em relação aos hábitos, costumes e comportamentos de um adulto civilizado [...].

Ariès (1981) ressalta a infância como algo próprio da criança, o que a diferencia do adulto é o sentimento de infância como uma consciência da criança. Constitui-se em um

processo histórico e não herdado tradicionalmente. Para ele, muitos fatores contribuíram para o processo de formação desse sentimento de infância.

A ideia de criança e infância é uma construção social, que sofre determinações econômicas e políticas da estrutura social e também das condições sociais das famílias. Na Idade Média a forma de tratar as crianças era cultural, ou seja, de acordo com os costumes herdados, o pai tinha pleno poder sobre o filho determinando o que eles deviam ou não fazer. Antes da escolarização das crianças estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida (ARIÈS, 1981). A medicina na época era precária, havia um alto índice de mortalidade infantil, isso fazia com que a morte fosse considerada natural, portanto a criança que morresse era substituída por outra. Tal realidade imposta fazia com que os pais não criassem grande vínculo emocional com as crianças, como observamos nas sociedades mais modernas.

De acordo com Ariès (1981) surge dois sentimentos de infância entre os séculos XVI e XVIII, criando uma nova expectativa para as crianças. Sentimentos esses revelam-se significativos para o reconhecimento da infância: o sentimento da paparicação (que Ariès chama de o período do mimo) e de moralização (que Ariès chama de período moralista). O sentimento da infância correspondente à consciência da particularidade infantil, que não existia na sociedade medieval. Segundo Ariès, não existia maus tratos as crianças ou abandono, mas havia ausência de sentimento pela fase da infância. Essa falta era o que fazia as crianças, após ficarem independentes de suas mães ou amas de leite se misturarem ao mundo dos adultos.

O primeiro sentimento da infância, a paparicação (período do mimo), alcançou seu auge no século XVI e começou a existir no seio da família e era "(...) reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela era uma coisinha engraçadinha(...)" (ARIÈS, 2006, p. 2). As relações entre crianças e adultos era marcada por sentimentos de afeto e carinho. A infância era o período da inocência e doçura e as crianças usadas para divertir os adultos, era um "animalzinho de estimação".

O segundo sentimento da infância, o da moralização (período moralista) surgiu nos séculos XVII e XVIII, esse assumido pelos moralistas e escolásticos que consideravam a criança um ser incompleto e ingênuo, que precisava ser disciplinada e moralizada pelos adultos. Essa disciplina deveria vir da igreja e da família, diferente da primeira que era apenas

pela família. No século XVII foi possível observar o começo de distinções entre adultos, pessoas de diferentes classes sociais e as crianças. Ariés (1981, p. 25), afirma que:

[...] desde o século XVII aconteceu uma distinção entre atividades praticadas por adultos (mais elaboradas) e as praticadas pelas crianças e pessoas pertencentes ao povo pobre [...] a consagração do adulto honrado e civilizado em distinção à criança, pela expectativa social produzida ao longo deste século em relação aos hábitos, costumes e comportamentos de um adulto civilizado[...].

Houve a distinção de adultos e crianças a partir de uma necessidade social, pois as crianças precisavam ter uma educação civilizada para se consolidar diante da sociedade em que elas estavam fazendo parte, além disso, teriam que se educar para que futuramente fossem adultos civilizados e que pudessem ser benéficos para seu meio social. A criança foi deixando de ser um adulto em miniatura, passando a ser projetada como um adulto futuro. A criança passa a ser preparada, educada para ser um adulto.

Com a industrialização e com as mudanças sociais e políticas vem a concepção de que criança deve ser cuidada e escolarizada. Com o crescimento e o fortalecimento econômico da sociedade cresce, também as preocupações para com as especificidades do ser criança. Segundo Macêdo (2014, p.60) “o ponto de vista da criança tem sido o foco de várias áreas das ciências humanas e sociais e tal perspectiva de análise tem corroborado para mudar as representações e discursos sobre a infância e a criança na contemporaneidade”.

Historicamente a criança não era vista como sujeito social e com direitos reconhecidos. Aspectos sociais, políticos e culturais, a exemplo das pesquisas acadêmicas, provocaram mudanças na concepção de criança a partir da segunda metade do século XX, a mesma passa a ser vista como sujeito social produtor e produto de cultura. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL,1998, p.12). criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

É importante acentuar que a criança é marcada histórica e culturalmente nas distintas classes sociais, etnias e culturas existentes. Há crianças oriundas de Famílias pobres, que precisam trabalhar para garantir os recursos mínimos para sua sobrevivência, não tendo

tempo para brincar e estudar, há crianças, negras, quilombolas, indígenas, imigrantes ciganas, etc. De forma contraditória, nas famílias com melhor poder financeiro, as crianças não precisam trabalhar para garantir sua sobrevivência, mas seus responsáveis preenchem o tempo delas com atividades extracurriculares e lúdicas, pensando no adulto futuro. Além da escola, as crianças têm aulas de dança, línguas estrangeiras, esportes, ficando sem tempo para brincar.. Ressaltamos que as concepções de criança, infância e educação infantil são construções sociais formadas ao longo da vida. É importante dizer que essas concepções nem sempre expressam os mesmos significados. Elas carregam:

Histórias, ideias, representações, valores, modificam-se ao longo dos tempos e expressam aquilo que a sociedade entende em determinado momento histórico por criança, infância, educação, política de infância e instituição de Educação Infantil (KRAMER, 1999, p.207).

Com isso, percebe-se que ser criança não significa ter infância. Desta forma, a época protegida, potencialmente tranquila, isenta de obrigações se torna cada vez mais utópica. Deve-se pensar que a concepção de criança e infância, assim como qualquer outra concepção, não pode ser entendida de maneira universal. Existem crianças e infâncias. Ao analisar crianças de classes sociais distintas pode-se dizer que a criança de melhor condição possui aquela infância descrita e idealizada por Rousseau, onde a criança tem direito de brincar, correr, cantar, jogar fazer tudo que é próprio da idade, enquanto que a menos favorecida não, uma vez que tem de trabalhar para ajudar no sustento familiar e é deixada de lado o que a infância deveria lhe proporcionar: brincadeiras, lazer, etc

Desse modo, a concepção de criança como um ser singular, com características bem diferentes das dos adultos, e, atualmente como sujeito de direitos enquanto cidadão possibilita práticas pedagógicas diferenciadas na Educação Infantil tornando o atendimento às crianças de 0 a 5 anos ainda mais específico, exigindo do educador uma postura consciente de como deve ser realizado o trabalho com elas, quais as suas necessidades enquanto criança e enquanto cidadão. Ressaltamos que as concepções de criança, infância e educação infantil são construções sociais formadas ao longo da vida. É importante dizer que essas concepções nem sempre expressam os mesmos significados.

Segundo Neto e Silva (2007) a palavra infância vem de *En-fant* que significa "aquele que não fala", isso podemos ver refletido sobre o processo de construção da infância na sociedade, onde observamos a figura da criança como aquele que não tem capacidade de ser,

estar e atuar na sociedade por ser criança, ou seja, vista apenas como um ser moldado pelo adulto ou como um indivíduo sem valor, sem um espaço na sociedade, e isso decorre desde a sociedade medieval. A partir dos anos 1990 emergem concepções de criança e infância, nas quais passa-se a ver a criança como um indivíduo pertencente ao meio social com sua cultura e seu modo de entender o mundo e, até mesmo a partir de sua ação transformá-lo. A Sociologia da Infância, perspectiva que surge no final do século XX amplia os estudos no que tange as concepções de infância e criança. Passamos a discuti-la no próximo tópico.

1.1. Infância e Criança na Perspectiva da Sociologia da Infância

De acordo com Prestes (2013) a Sociologia da Infância - SI é uma área que objetiva entender a sociedade por meio do estudo da criança e que ganhou destaque no campo das pesquisas científicas na segunda metade do século XX. Neste contexto, defende a criança como agente/ ator social e a infância como uma categoria socialmente construída. A partir da década de 1980, na França, a Sociologia da Infância (SI), perspectiva teórica que defende a criança como sujeito social, produto e produtor da cultura, abre-se novas possibilidades teóricas de pensar a criança para além dos padrões que predominavam, a exemplo da psicologia, que se refere a criança no seu desenvolvimento psíquico, biológico e motor. A Sociologia da Infância ganhou destaque no campo das pesquisas científicas no século XX, por defender a criança como ator social e a infância como uma categoria socialmente construída.

A Sociologia da Infância tem contribuído expressivamente com os estudos das crianças e das infâncias. Perceber a criança como ser social, que constrói sua própria cultura, ser que aprende e interage com o meio, que age de forma singular e que deve ter suas culturas ou formas de agir e interagir com o mundo valorizadas é de extrema importância. Compreender que ela precisa de brincar, correr, desenhar, dançar, pintar enfim, interagir com a realidade, a partir das múltiplas linguagens e culturas próprias e com as pessoas a sua volta e que tudo isso contribui para a sua aprendizagem e seu desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo. Esta perspectiva tem contribuído com estudos das crianças e da infância. Falar das crianças como atores sociais é resultado de um debate sobre os conceitos de socialização no campo da sociologia.

O conceito de infância, varia, também, de acordo com as correntes teóricas: ora é uma estrutura única, permanente em todas as sociedades, ora depende da época, da geração, da sociedade em que a criança está inserida, vai variar de acordo com a classe social, o gênero e

a etnia, conforme afirma Faria e Finco (2011, p. 18):

A infância é um conceito disputado entre os diversos campos do conhecimento e também dentro de um mesmo campo, por exemplo, da Sociologia da Infância. A infância ora é uma estrutura universal, constante e característica de todas as sociedades, ora ela é um conceito geracional, uma variável sociológica que se articula à diversidade da vida das crianças considerando a classe social, o gênero e pertencimento étnico, ou seja, ora a infância é singular, ora é plural. (FARIA e FINCO, 2011, p. 18)

A Sociologia da Infância não considera a infância como uma categoria universal, mas histórica e culturalmente marcada. A infância de uma criança negra, pobre é diferente da infância de uma criança branca, na qual os pais tem uma condição financeira melhor, pois a criança negra já sofre com o preconceito existente na sociedade por ser de cor e pobre, também não pode desfrutar de coisas próprias para sua idade por ter que trabalhar e por seus pais não poderem dar o brinquedo da moda, ou até mesmo uma simples bola ou boneca que são brinquedos almejados por toda criança.

A infância é uma construção social; a infância constitui-se em uma variável da análise social que não pode ser compreendida em separado de outras variáveis estruturais como as questões de gênero, etnia e classe social; as culturas e relações sociais são legítimas e devem ser estudadas por si mesmas no presente; as crianças devem ser consideradas como seres ativos na construção e determinação de suas vidas sociais e nas do que estão a sua volta numa perspectiva contextual e Inter geracional. (FERREIRA, 2004 apud MACÊDO, 2014, p.18)

Pensar a infância como uma construção social significa que as ideias e reflexões existentes, hoje, sobre a criança são resultados de debates, estudos, teorias tanto no âmbito político quanto profissional e que isso faz parte da história, visando valorizar e garantir direitos a criança e a infância, a ampliação das políticas públicas.

Considerando que a ideia de infância nem sempre existiu na história e que foi criada para delimitar concepções românticas de infância, nas quais a infância é tempo de alegria e pureza vemos que a realidade contemporânea não se harmoniza com tal contexto. O objetivo da Educação Infantil tratado no artigo 29 da Lei da Diretrizes e Bases da educação (lei 9394/96) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNEI (BRASIL, 2010), sinalizam a necessidade de projetos pedagógicos consistentes e articulados, baseados em uma Pedagogia da infância considerando o lugar da criança na sua história de vida e reconhecendo suas especificidades.

Perceber a criança como ser social, que constrói sua própria cultura, ser que aprende e interage com o meio, que tem suas particularidades e que deve ser respeitado e tratado como tal, é de extrema importância. Saber que ela deve brincar, correr, desenhar, dançar, pintar etc. e que tudo isso contribui para seu desenvolvimento, tanto motor quanto psíquico. Também, que a infância é uma fase da vida que deve ser respeitada e bem vivida, pois para a criança conseguir desenvolver-se tem que viver sua infância. A Sociologia da Infância defende que a criança é um ser que tanto produz quanto participa da cultura existente, como diz Macêdo (2014, p.58) ” [...]criança como sujeito social, produtor e produto da cultura, ator social capaz de participar e intervir no processo de socialização”.

Existem várias infâncias, ou seja, diferentes formas de ser criança, dependendo da região, classe social e período em que vivem a infância. No entanto, todas as crianças fazem algo em comum com outras crianças, elas brincam, mesmo que de formas diferentes, construindo e criando seus valores e sua cultura de modo específico.

A criança tem a capacidade de construir seu conhecimento e ampliar suas hipóteses sobre o mundo. Para isso é necessário tratar a criança como ela é, respeitá-la enquanto sujeito que constrói as suas relações no meio social em que vive, pois é um ser capaz de descobrir-se no mundo, capaz de produzir culturas, marcadas social e culturalmente. Assim, para melhor compreender a criança e necessariamente a infância é preciso aprender a observar as suas brincadeiras, suas fantasias/imaginações, o desenho a sua forma de lidar com os contos de fadas, fábulas, etc, pois ao compreendermos essas peculiaridades estaremos aprendendo como constrói culturas infantis.

1.2. Culturas Infantis

Para Sarmiento (2003, p.3-4) as culturas infantis são: “a capacidade das crianças em construir, de forma sistematizada, modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação”. Culturas essas que são socialmente reproduzidas e historicamente construídas e reconstruídas pelas crianças. Também são construídas na relação entre gerações, ou seja, formam-se entre as culturas geradas pelos adultos e as culturas construídas entre as próprias crianças. As crianças herdam a cultura do adulto e a partir da interação com seus pais e familiares e assim são inseridos nesta cultura, mas as próprias crianças produzem cultura na troca de brincadeiras, desenhos, jogos com outras crianças. Como fala o sociólogo especialista em culturas infantis: “as

crianças, assim como os adultos, são participantes ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de sua cultura compartilhada” (CORSARO, 2011, p.19).

Segundo Corsaro (2011) a infância é uma categoria estrutural presente em todas as sociedades. Só que, apesar do termo “infância” definir uma característica comum a todas as crianças, não existe apenas um modo de ser criança e sim uma pluralidade. Sarmiento define pluralização das culturas infantis:

A pluralização do conceito significa que as formas e conteúdos das culturas infantis são produzidas numa relação de interdependência com culturas sociais atravessadas por relações de classe, de gênero e de proveniência étnica, que impedem definitivamente a fixação num sistema coerente único dos modos de significação e ação infantil (SARMENTO, 2003, p.4).

Para melhor compreender as culturas infantis Sarmiento (2002) define em quatro eixos: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real ou jogo simbólico e a reiteração.

A interatividade se dar no próprio processo de ensino-aprendizagem, pois na medida em que “[...] as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum” (SARMENTO, 2002, p.14). Através da cultura de pares (termo utilizado por Corsaro-2011) as crianças adquirem a capacidade de se apropriar do mundo e reinventá-lo e reproduzi-lo. Para Corsaro (2009, p.31) cultura de pares: “conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”.

Quanto à ludicidade o autor fala que o brincar não é algo exclusivo das crianças, os adultos também brincam, só que para a criança é uma atividade séria, significativa. Tanto os jogos quanto os brinquedos, proporcionam à criança situações de liberdade, produção cultural e criatividade, que são necessárias ao seu desenvolvimento (SARMENTO, 2003, p. 23-25). Um terceiro eixo está na fantasia do real ou jogo simbólico, que é onde a criança transfere o que vê para seu imaginário, fantasia o real, uma forma de compreender o mundo. A fantasia do real, então, permite à criança criar um mundo simbólico constituinte dela mesma enquanto sujeito.

E, por fim, o quarto eixo, que é a reiteração, de acordo com Sarmiento (2003), que nos permite compreender esse processo de imaginação do real, pois a criança possui a capacidade de se conduzir no tempo, sem deixar de ser ela mesma, bem como a possibilidade de começar tudo de novo. O tempo da criança é um tempo não exato e não linear, é capaz de ser reiniciado e reinventado sempre que a criança sentir essa necessidade, através do jogo simbólico e da fantasia do real.

Desse modo vemos no desenho infantil a forma da criança se comunicar, se expressar, usar seu imaginário, se transformar em outra pessoa, ou seja, o desenho é uma cultura infantil e como tal merece ser trabalhado e respeitado. Através do desenho a criança estabelece uma comunicação entre pares, uma auxilia a outra quando o desenho é em grupo ou na observação do desenho do seu par, a opinião de uma criança para a outra tem um valor muito grande para elas. A capacidade que as crianças possuem de se recriar e se reinventar nas suas brincadeiras e desenhos, de se transformar em personagens sem deixar de serem elas mesmas, contribui para a nossa compreensão dos desenhos infantis como uma expressão simbólica das crianças. Posteriormente discutiremos mais sobre o desenho para uma maior compreensão.



URCDAQIIPADU

CAPÍTULO II - A LINGUAGEM DO DESENHO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

. Neste capítulo abordamos os seguintes temas: as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 1998), a arte na educação infantil, o desenho como forma de expressão e produção cultural da criança, por fim, refletimos sobre a formação docente na Educação Infantil na perspectiva da arte educação.

2.1 A Dimensão Estética no Currículo da Educação Infantil

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) são normas obrigatória para Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e são discutidas, concebidas e fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), onde cada modalidade da educação (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) apresentam suas próprias diretrizes. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil destacam os seguintes princípios, os quais devem ser observados quando da elaboração das propostas pedagógicas nas instituições de Educação Infantil:

Para que a criança tenha um desenvolvimento completo as propostas pedagógicas da EI devem cumprir os princípios éticos, políticos e estéticos onde: Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades. Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL,2010, p. 16).

Os princípios estéticos dizem respeito a linguagem do belo, extrapola a arte, porque diz respeito a tudo aquilo que, através da experiência, mobiliza nossos sentidos.

[...] desse modo as experiências estéticas seriam aquelas que envolvem todos os nossos sentidos, percepções e emoções, não se limitando ao domínio da prática artística historicamente estabelecida. Ela existe na apreciação da natureza, em rituais cotidianos de autocuidado, de alimentação, na forma como nos relacionamos, na ornamentação doméstica e corporal; de tatuagens primitivas e pinturas rupestres a cosméticos contemporâneos e decoração de interiores [...] (GUEDES E FERREIRA, 2017, p.6)

É muito comum nos remetermos a linguagem oral e linguagem escrita quando falamos em linguagem, em nossa pesquisa isso se confirma, não que não seja importante para o desenvolvimento da criança, mas acaba deixando de lado novas experiências para a criança ampliar apreender o mundo, a realidade, através de experiências que envolvam o corpo inteiro.

Conforme as DCNEI as propostas pedagógicas da EI devem respeitar princípios estéticos dedicando-se a diferentes formas artísticas e culturais que respeitem as diversas culturas, religiões, etnias, economia e sociedade de um país. A etimologia do termo estética é *aesthesis*, palavra grega que designa percepção, sensação. Proporcionar experiências na educação infantil com a arte, em suas várias facetas, desenho, música, teatro, literatura, dança, pintura, releitura e apreciação de obras de arte, etc. possibilitam ricas experiências com a arte, com o belo. Sendo este o objetivo da educação infantil: o desenvolvimento integral das crianças. Oliveira (2002, p. 228) destaca que essas múltiplas linguagens pedagógicas “possibilitam às crianças trocar observações, ideias e planos”. Essas linguagens estão presentes nas brincadeiras, músicas, desenhos, gestos, faz de conta, na literatura, no movimento, no pintar, no manusear massinhas.

Segundo Malaguzzi (1999) a criança é feita de cem linguagens, ela fantasia, sonha, desenha, brinca, corre, pula, ou seja, ela é múltipla, assim, as linguagens são as formas que as crianças usam para se comunicar: brincadeiras, gestos, desenho, imaginação, danças, músicas.

Gonçalves e Antônio (2008) indicam que as linguagens permeiam o trabalho na educação infantil, constituindo-se eixos da ação pedagógica junto às crianças nesta etapa educativa. Afirmam ainda que, em geral, o termo linguagem remete-se à linguagem verbal e escrita, igualmente fundamental para o desenvolvimento infantil. No entanto, destaca que professores da educação infantil acabam priorizando essas duas formas de linguagem em detrimento de outras, privando-as de novas vivências, novas experiências que ampliem seus conhecimentos.

A literatura destaca a linguagem oral como “um dos eixos norteadores da ação pedagógica com crianças” (GONÇALVES E ANTÔNIO 2008, p1). É por intermédio da linguagem que a criança se comunica e interage com o mundo ao seu redor constituindo-se e desenvolvendo-se. Vygotsky *apud* Kohl (1995) enfatiza a importância da mediação no processo de aquisição da linguagem oral:

(...) por volta dos dois anos de idade, o percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem e inicia uma nova forma de funcionamento psicológico:

a fala torna-se intelectual, com função simbólica, generalizante, e o pensamento torna-se verbal, mediado por significados dados pela linguagem. Enquanto que no desenvolvimento filogenético foi à necessidade de intercâmbio dos indivíduos durante o trabalho que impulsionou a vinculação dos processos de pensamento e linguagem, na ontogênese esse impulso é dado pela própria inserção da criança num grupo cultural. A interação com membros mais maduros da cultura, que já dispõem de uma linguagem estruturada, é que vai provocar o salto qualitativo para o desenvolvimento verbal (KOHL, 1995. p. 47).

Destaca-se ainda como uma linguagem na educação infantil a contação de histórias/estórias. Conforme relata Girardello, “a narrativa se torna presente logo cedo na vida dos bebês, através de canções de ninar, da própria conversa da mãe com a criança, das cantigas que muitas vezes contam histórias”. Gonçalves e Antônio (2008) acreditam que dar continuidade a essas atividades na educação infantil é muito importante, pois, desenvolve a linguagem, promove a imaginação, amplia o repertório cultural das crianças, auxiliando-a no desenvolvimento e construção subjetiva.

Outra linguagem infantil que a literatura destaca refere-se à utilização de recursos audiovisuais, como: TVs, DVs, livros, músicas, jogos, teatro. Para Gonçalves e Antônio (2008), “o recurso audiovisual possui uma linguagem própria que instiga uma interpretação de seus diversos aspectos e recursos, sejam eles, projetados nos sons, cores, personagens, cenários, roteiro”.

Para Gutierrez (1978) a reflexão sobre esses recursos é fundamental, porque retrata a sociedade em diversos tempos e, sobretudo, por tratar-se de uma produção humana cuja ação está permeada de ideologias, questões políticas, econômicas, indicando os múltiplos propósitos para a utilização desses recursos.

Como vimos anteriormente, a linguagem está presente na educação infantil de formas diversas. É razoável, neste contexto, considerar os diversos subtipos de linguagens presentes. Por exemplo, este trabalho versa sobre a importância do desenho na educação infantil, ou seja, um subtipo de linguagem visual (artes visuais). Para tanto, a próxima subseção deste trabalho destaca as artes visuais como linguagem infantil.

2.2 As Artes Visuais na Educação Infantil

A Arte é uma das várias formas que o ser humano dispõe para se expressar e comunicar, o que a torna indispensável na Educação Infantil. Como afirma o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI:

[...] as Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas mais importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por se só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo em geral, e na Educação Infantil, particularmente (BRASIL - RCNEI, 1998, p.85).

Além disso, de acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), as artes visuais na educação infantil, ao longo da história, eram entendidas como mero passa tempo, não tinham importância, pois só eram e, ainda são utilizadas, para preencher o tempo das crianças, para que elas não fiquem sem fazer nada. As artes visuais envolvem: desenho, pintura, colagem, gravura, escultura, fotografia, desenho no computador, vídeo, cinema, televisão e outros.

Conforme Gonçalves e Antônio (2008), várias vezes o uso da linguagem por meio da arte na educação infantil é entendido apenas como um mero passatempo. Muitas propostas com artes visuais são destituídas de significados ou assumem conotação decorativa servindo como enfeite para as paredes ou ainda, é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tenha competência para elaborar a atividade. No entanto, reside aí uma grande oportunidade para a utilização desses recursos no ciclo da educação infantil.

As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentidos a sensações, sentimentos, pensamentos e realidades por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volumes, espaço, cor, luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc (BRASIL, 1998, p.85)

A medida que as crianças rabiscam e desenharam no chão, na areia, em paredes ou muros, pintam objetos, por vezes, estão fazendo Artes. Só que na prática muitos docentes veem as Artes Visuais como mero passatempo, ou seja, para que as crianças não fiquem sem fazer nada colocam-nas para desenhar, pintar, brincar com massinha de modelar sem fazer nenhuma mediação, retirando dessa atividade o real significado podendo aproveitar para auxiliar na aprendizagem dessas crianças.

Conforme o RCNEI (BRASIL, 1998, p.87): “ Em muitas propostas as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídos de significados. ” Deixar que as crianças desenvolvam sua sensibilidade, sua criatividade, tenha ludicidade e liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais é um dos princípios que uma

proposta pedagógica da Educação Infantil deve respeitar, o princípio estético contido nas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.

2.3 O Desenho como Linguagem e Produção Cultural da Criança

Para Piaget (1973) o desenho é uma das formas, através da qual, a função de atribuição da significação se expressa e se constrói. Desenvolve-se concomitantemente às outras manifestações, entre as quais o brinquedo e a linguagem verbal. Piaget (1973) ainda destaca:

O desenho é precedido pela garatuja, fase inicial do grafismo. Semelhantemente ao brincar, se caracteriza inicialmente pelo exercício da ação. O desenho passa a ser conceituado como tal a partir do reconhecimento pela criança de um objeto no traçado que realizou. Nessa fase inicial, predomina no desenho a assimilação, isto é, o objeto é modificado em função da significação que lhe é atribuída, de forma semelhante ao que ocorre com o brinquedo simbólico (PIAGET, 1973, p. 52).

Enquanto desenham ou criam objetos as crianças também brincam de “faz-de-conta” e verbalizam narrativas que exprimem suas capacidades imaginativas. Ela cria e recria individualmente formas expressivas integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade, que podem então ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

Piaget (1973, p. 53-54) destaca ainda as fases do desenho:

Desordenada: movimentos amplos e desordenados. Ainda é um exercício. Não há preocupação com a preservação dos traços, sendo cobertos com novos rabiscos várias vezes.

Ordenada: movimentos longitudinais e circulares; coordenação visomotora. Figura humana de forma imaginária, exploração do traçado; interesse pelas formas. Nessa fase a criança diz o que vai desenhar, mas não existe relação fixa entre o objeto e sua representação. Por isso ela pode dizer que uma linha é uma árvore, e antes de terminar o desenho, dizer que é um cachorro correndo.

Pré- Esquematismo: fase pré-operatória, descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Os elementos são dispersos e não relacionados entre si. O uso das cores não tem relação com a realidade, depende do interesse emocional.

Esquematismo: fase das operações concretas (7 a 10 anos). Esquemas representativos, começa a construir formas diferenciadas para cada categoria de objeto, por exemplo descobre que pode fazer um pássaro com a letra "V". Uso da linha de base e descoberta da relação cor objeto. Já tem um conceito definido quanto a figura humana, porém aparecem desvios do

esquema como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo. Aparecem fenômenos como a transparência e o rebatimento.

Realismo: final das operações concretas. Consciência maior do sexo e autocrítica pronunciada. No espaço é descoberto o plano e a superposição. Abandona a linha de base. As formas geométricas aparecem. Maior rigidez e formalismo. Acentuação das roupas diferenciando os sexos.

Pseudo Naturalismo: fase das operações abstratas (10 anos em diante). É o fim da arte como atividade espontânea. Inicia a investigação de sua própria personalidade.

Características: realismo, objetividade, profundidade, espaço subjetivo, uso consciente da cor. Na figura humana as características sexuais são exageradas, presença das articulações e proporções. (PIAGET, 1973, p.53-54)

Através do desenho a criança vai ordenando sua forma de pensar, além de ir melhorando seu traçado. Ela vai cada vez mais querendo se aproximar da realidade, ou seja, que seu desenho fique cada vez mais parecido com o real, só que da forma que ela vê e não como o adulto gostaria que fosse.

Vygotsky (1988) destaca outras condições do desenho. O desenho é o registro do gesto, constituindo passagem do gesto à imagem. Essa característica e a referente à percepção da possibilidade de representar graficamente configuram o desenho como precursor da escrita. Momento fundamental de sua evolução se constitui na antecipação do ato gráfico, manifestada pela verbalização, indicando a intenção prévia e o planejamento da ação.

Para Sarmiento (2011) os desenhos infantis representam a produção simbólica de um grupo social de tipo geracional. A SI considera que o desenho pode ser um importante canal e meio de comunicação não verbal utilizado pelas crianças, como ressalta Sarmiento (2011, p.28-29) fala:

O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebés rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de apreensão do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de ‘incorporação’ pela criança da realidade externa e de ‘aprisionamento’ do mundo pelo acto de inscrição – articuladas com as diferentes fases etárias e a diversidade cultural. Nesse sentido, o desenho infantil comunica, e fá-lo dado que as imagens são evocativas e referenciais de modo distinto e para além do que a linguagem verbal pode fazer.

Em relação à cultura de pares e culturas da infância quando a criança está desenhando em grupo elas interagem. Através do desenho a criança imagina o mundo como ela quer, é o

brincar de faz de conta, o que é de grande importância para a criança: “o desenho infantil, afinal, é a expressão de uma das coisas que as crianças fazem de mais sério: brincar” (SARMENTO, 2011, p. 51).

O desenho uma das formas de manifestação das artes visuais, para a criança, é uma das principais formas de expressar o que sentem e pensam sobre si mesmas e o mundo. Por esta ser uma fase onde o lúdico é muito importante e presente o ato de desenhar é fundamental para o desenvolvimento da criança, podendo revelar a forma como ela ver o mundo.

Assim, o desenho está entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças, antecede a comunicação escrita, desempenhando um importante papel no desenvolvimento e na aquisição da mesma pela criança. Para Vygotsky (1987, p. 134) “brincar e desenhar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita das crianças [...]”. O RCNEI (Brasil, 1998) mostra que o desenho, ao longo da história, foi visto pelos educadores como uma mera atividade de passatempo. Na prática só se via desenhos mimeografados, onde a criança era privada de expressar os seus sentimentos, a sua imaginação, nos quais a criança reproduz as formas mecanicamente, às vezes nem a cor de pintar podia escolher. Esses desenhos, em geral, são usados como exercício de coordenação motora para fixação e memorização de letras e números. Comprovando assim, que o professor, além de preencher o tempo com a atividade atendia as expectativas dos pais em ver o caderno dos filhos completamente preenchidos de atividades e, desta forma inibindo a criatividade das crianças.

Como nos fala Bordoni (2015) que através do desenho vemos a evolução da criança, ela passa cada vez mais do rabisco a formas mais elaboradas. Essa passagem é possível graças às interações da criança com o ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas.

O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas que, no início, dizem respeito à passagem dos rabiscos iniciais da garatuja para construções cada vez mais ordenadas, fazendo surgir os primeiros símbolos. Essa passagem é possível graças às interações da criança com o ato de desenhar e com desenhos de outras pessoas (BORDONI, 2015, p.2).

O educador tem um papel fundamental no desenvolvimento infantil, desse modo, deve deixar a criança livre para se expressar, criar, imaginar.

O ponto de partida para o desenvolvimento estético e artístico é o ato simbólico que permite reconhecer que os desejos persistem independente de sua presença física e imediata. Operar no mundo dos símbolos é perceber e

interpretar elementos que se referem a alguma coisa que está fora dos próprios objetos. Os símbolos representam o mundo a partir das relações que a criança estabelece consigo mesmas, na ação e com a cultura (BRASIL, 1998, p.91)

Através do desenho a criança brinca, representa, coloca todos os seus sentimentos e pensamentos no papel, criando um universo só seu. Aprende noções de espaço, tempo, quantidade, sequência e desenvolve sua linguagem oral e escrita. Suas criações, desde as mais simples, as mais elaboradas, representam, no fundo, a sua vida interior e afetiva. Um rabisco pode representar muito para a criança e, muitas vezes, os educadores não valorizam e desprezam. O educador deve valorizar, sempre o desenho das crianças, porém muitas vezes o desenho vem carregado de significados e a criança, quando percebe seu desenho valorizado fica entusiasmada e aprende cada vez mais.

Entende-se por desenhos o traço que a criança faz no papel ou qualquer superfície, e também a maneira como a criança concebe seu espaço de jogos com o material de que dispõe, ou seja, a maneira como organiza as pedras e folhas ao redor do castelo de areia, ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha, tornando-se uma possibilidade de conhecer a criança através de uma outra linguagem: o desenho de seu próprio espaço lúdico. (MOREIRA, 1993, P.16)

Desenhar é uma ação inerente às formas de representação das crianças muito antes delas serem apresentadas às linguagens convencionais da escola, entre elas a Matemática. Para Smole (1996) “o desenho tanto serve como resolvedor, ou seja, tem como função expressar a solução que pensou, como também para traduzir e organizar os aspectos do texto que dão as informações essenciais sobre o problema. ” De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), o desenho como linguagem indica signos históricos e sociais que possibilitam ao homem significar o mundo. Portanto, evidenciamos a Educação Infantil como espaço privilegiado de promoção e apropriação das diversas formas de linguagens e expressões.

A criança encontra no desenho a forma mais fácil para representar e resolver problemas. Ela desenha para dizer algo, para exprimir pensamentos, sensações, sentimentos, vontades, sendo assim, o desenho é para ela uma brincadeira e até mesmo a percepção do real, como a criança aprende brincando, logicamente, desenhando ela, também, aprende. O desenho é, para criança, pura expressão, é sua linguagem para se comunicar com o outro. Na verdade é sua primeira escrita, uma ferramenta para que ela possa expressar e demonstrar seu pensamento, é uma linguagem única e diferente da escrita, guarda elementos e características cognitivas ímpares na produção do conhecimento.

Para a criança desenhar representa uma brincadeira e como ela aprende brincando porque não a utilizar como aliada ao processo de aprendizagem infantil? Brincar é sem dúvidas uma atividade prazerosa para qualquer criança, e conseqüentemente o que nos dá prazer é o que mais gostamos de fazer. Pois bem, já que as crianças são fãs do brincar nada melhor do que utilizar essa brincadeira para proporcionar aprendizado. O brincar não é uma atividade isolada que só proporciona prazer a criança, pois através dele a criança desenvolve habilidades tais como: responsabilidade, companheirismo, respeito, regras, etc. Assim, a criança é o sujeito do seu processo, ela aprende ao desenhar na sua interação com o desenho, o que lhe propicia construir hipóteses acerca da natureza, valor e função deste sistema. Para tal, a criança produz e interpreta desenhos, seus e dos outros.

É pedagogicamente importante estimular, encorajar a criança a desenhar o que pensa, sentem e ao mesmo tempo muito difícil, pois os costumes culturais dos adultos que acompanham essas crianças (professores, pais, tios) continuam vendo o desenho como uma representação do visível e quanto mais parecido com o real mais os adultos valorizam. Macêdo (2014,p.176) discorre que:

[...] A sala de aula é repleta de cartazes, fantoches, tudo ela faz. Tal atitude, de não dar o devido valor ao desenho, que é ao mesmo tempo, expressão simbólica e ato criativo, pode ser explicada por vários ângulos: a pressão externa, da instituição, do sistema para que as crianças se alfabetizem e também, em geral o desenho infantil é visto como atividade "natural" da criança, portanto não se constitui em objeto de maior atenção.

A linguagem gráfica é uma produção cultural infantil. À medida que desenhavam, as crianças estão produzindo cultura. Segundo Sarmiento (2011, *Apud* Macêdo, 2014, p.176) o desenho é uma produção simbólica podendo ser considerado uma cultura infantil, porque não é uma mera cópia do real.

Quando desenhavam e pintavam suas próprias produções, as crianças demonstram prazer e não permitem que alguém desqualifique sua produção. Afirmam sempre que está bonito. O desenho é uma forma de expressão, pela qual se afirmam ao tempo que produzem culturas. (MACÊDO, 2014, p. 176)

Cabe aos educadores e pais inserir a ludicidade no cotidiano da criança, para um melhor desenvolvimento e para que se apropriem da escrita de forma mais prazerosa e competente. O desenho é uma das formas de grande importância nesse processo. Os

professores nem sempre estão ouvindo/vendo as necessidades infantis. Para elas e pela pressão do sistema as crianças devem ser preparadas para a escola.

2.4 A Dimensão Estética na Formação Docente

Recentemente algumas pesquisas mostraram que o professor de Educação Infantil deve ser alguém que precisa ter seus sentidos abertos e sensíveis para o potencial expressivo e criativo e o fazer artístico – o seu próprio e o da criança. Sabemos que a EI passou por discussões nos últimos anos motivadas, entre outros problemas, pela idade em que a criança deve entrar na educação básica. A forma de ensinar e o que ensinar fez com que estudiosos voltassem o olhar para essas questões, pretendendo uma formação integral e transformadora para as crianças. Com isso propostas para o ensino de arte onde o fazer, a leitura, a experimentação, e a contextualização são as bases que a educação estética tem surgido.

(...) com a realização de propostas para o ensino de arte nas quais a leitura, a experimentação, o diálogo e a ludicidade se tornam a base de uma educação estética, provocadora de sentidos e significados na criança e que afeta a sua interpretação de mundo. (SANTINI e VASCONCELOS, 2013, p.2)

No Brasil temos estudiosos preocupados com o ensino de Artes como: Analice Dutra Pillar (1996), Ana Mae Barbosa(2009), Sandra Richter (2004), Maria Helena Wagner Rossi (2003), Maura Penna (2001) e na própria UEPB temos nossa professora Ma Rosemary Alves de Melo (2005) que lutam para que a Arte seja trabalhada de forma correta.

A educação estética é aquela onde o indivíduo tenha a liberdade de soltar sua imaginação, desenvolver a percepção sensorial e cultural, que estimule os sentidos e significados na criança e que afete sua interpretação de mundo, de acordo com Santini e Vasconcelos (2013). Campos et al. (2014) destacam que a arte na infância permite a criança, o início à coordenação das expressões a partir da composição do seu mundo, por meio da percepção. Desta forma, por meio do fazer, ordena e reordena elementos extraídos da realidade, contribuindo para a elaboração do seu conhecimento sobre o mundo físico e social. Além disso, Campos et al. (2014) afirmam que o objetivo da formação do professor na contemporaneidade é a formação de educando pensante e no campo das artes se faz necessário um novo pensar.

Nessa perspectiva, Guedes e Ferreira (2017) compreendem que a criação e a sensibilidade são expressões provenientes da necessidade humana, sendo necessário, porém,

assumir uma perspectiva estética na formação docente. Referem-se a esta perspectiva como sendo mais ampla do que a arte, pois trata de estar sensível ao potencial criativo presente no humano, permitindo a expressão em seus modos de ser e estar no cotidiano. Ainda de acordo com Josso (2004), considera-se importante para a formação do professor as experiências vividas em seus grupos de referência, com outros educadores e com as crianças. Também abrange as experiências do âmbito pessoal, seu próprio percurso estético que vai impactando a subjetividade do sujeito e constituindo sua forma de ser e estar no mundo.

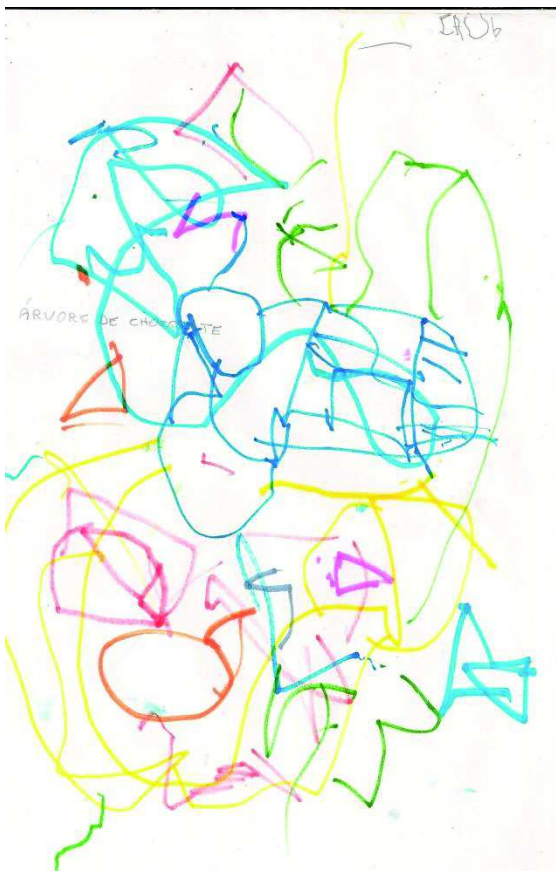
Para além disso, Guedes e Ferreira (2017) enfatizam que:

A experiência estética é aquela que sensibiliza, uma exigência do humano, independentemente do que a arte formalmente reconhecida como arte pode representar para os processos por meio dos quais nos humanizamos. Ela está presente em tudo aquilo que mobiliza nossos sentidos e sentimentos, aquilo que nos emociona, nos toca, nos atravessa, nos faz sabermos vivos. (GUEDES e FERREIRA, 2017, p.6).

Campos et al. (2014) apud Ferraz e Fusari (1993) explicam sobre o processo de ensino da arte à luz do conhecimento estético:

O professor de arte deve aprofundar seu conhecimento estético, que envolve a compreensão e conhecimento dos legados culturais e artísticos da humanidade, unindo o fazer e o refletir, o pensar o que faz e, conhecimentos artísticos, as vivências das linguagens específicas das artes, desenvolvendo uma prática pedagógica que aproxime o estudante do conhecimento cultural e artístico da sua e das demais culturas existentes. (CAMPOS et al, 2014, p.02).

Ainda sobre a formação docente na perspectiva da arte, Campos et al. (2014) destaca que o professor de arte não precisa ser necessariamente um artista, logo deve ser necessário, que possua claramente a compreensão das vertentes da arte, podendo resultar em uma contribuição positiva na atuação do educador. Deve ter ainda, o devido respeito à bagagem cultural dos alunos, incentivando-os a ampliar seu repertório cognitivo e sensitivo, com intuito de melhorar seu próprio mundo social.



CAPÍTULO III - CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DOCENTES SOBRE LINGUAGENS E DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Esta pesquisa investiga as concepções de docentes acerca do desenho, como arte visual, na Educação Infantil, à luz da percepção das professoras² que trabalham nesta etapa do ensino básico e busca compreender, prioritariamente, duas questões fundamentais: i) a percepção sobre quais linguagens são privilegiadas na prática pedagógica e ii) a percepção sobre a importância do desenho na educação infantil. Desta forma, nas seções deste capítulo apresentamos o contexto da pesquisa e os procedimentos metodológicos e, por fim, a análise dos dados produzidos, através das entrevistas.

Neste capítulo narramos e explicamos a metodologia utilizada em nosso estudo, expomos o contexto da pesquisa, apresentamos os procedimentos utilizados, como também a análise e discussão dos dados gerados através de entrevistas.

3.1 Procedimentos Metodológicos e Contexto da Pesquisa

O desejo de conhecer determinada realidade nos leva a pesquisar sobre ela. Pesquisar é buscar resposta para alguma coisa. Para Gil pesquisar é:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (GIL, 2007, p.17)

Segundo Malheiros (2011, p. 187) a abordagem qualitativa permite compreender algumas questões a partir da inserção na realidade de outras pessoas. Desse modo, como a nossa pesquisa é no campo educacional, buscamos investigar qual a percepção das professoras sobre as linguagens na educação infantil e, sobretudo, qual a percepção das mesmas sobre a linguagem do desenho. Para tanto, adotamos a entrevista semiestruturada para coletar os dados. Muito embora esta pesquisa seja classificada como qualitativa, foi possível estabelecer

² Em virtude de os sujeitos que participaram da pesquisa serem todos do sexo feminino nos reportaremos a forma feminina ao longo do texto.

critérios quantitativos para caracterizar as questões investigadas.

A pesquisa foi realizada no município de Campina Grande-PB em 8 instituições que atendem crianças de 0 a 5 anos. Após a anuência da secretaria de educação foram feitas as visitas as creches, as quais codificamos como: C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7, C8

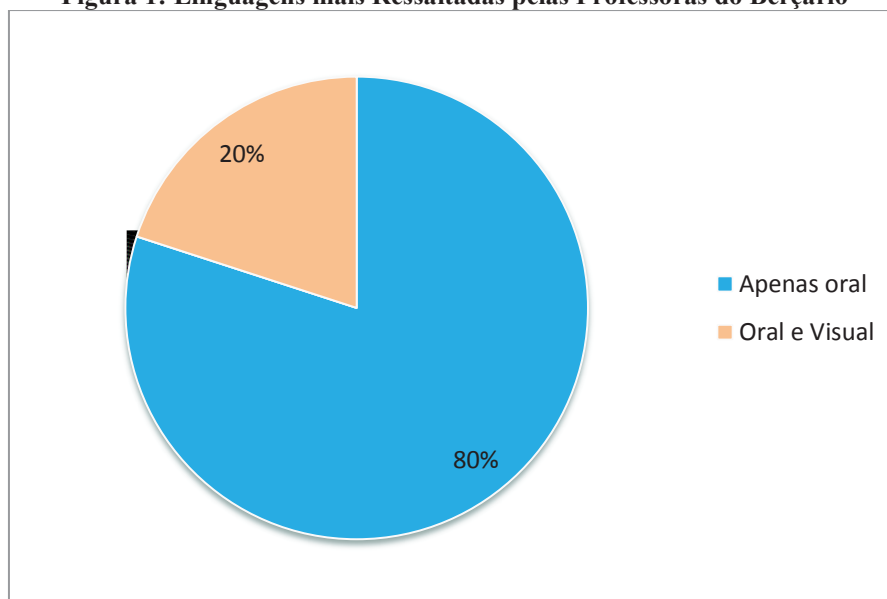
A pesquisa consistiu em realizar entrevistas semiestruturadas com base nos critérios pré-estabelecidos: ter formação em nível superior e ter participado da elaboração da proposta pedagógica da instituição. Neste caso, participaram das entrevistas: 10 professoras do berçário, 14 do maternal e 6 da pré-escola, totalizando 30 entrevistadas³. Por fim, a análise dos dados foi feita através da estatística simples.

Realizamos a entrevista com cada professora, onde foram gravadas e posteriormente transcritas. As respostas serão apresentadas por níveis da EI , onde escolhemos algumas falas das professoras para confirmar o que discutimos, as demais respostas foram gravadas em CD e entregue as professoras que fizeram parte da banca.

3.2 O trabalho com as linguagens no berçário

Na primeira questão da entrevista buscamos identificar, junto as professoras do berçário, quais linguagens/temas/conteúdos são privilegiadas no planejamento da prática pedagógica com as crianças.

³ As professoras foram codificadas por creche. Creche 1, P1, P2, P3... até a última a ser entrevistada da respectiva creche , ficando do seguinte modo a codificação quando da analise dos dados: Creche 1 e Professora 1 = C1P1...

Figura 1: Linguagens mais Ressaltadas pelas Professoras do Berçário

A figura 1 ilustra os principais tipos de linguagens apontadas como aquelas mais trabalhadas pelas professoras do berçário. 8 (80%) indicaram privilegiar apenas a linguagem oral no planejamento da prática pedagógica, enquanto 2 (20%) afirmaram priorizar as linguagens oral e visual de forma conjunta. As professoras priorizam a linguagem oral por acreditarem ser importante para o desenvolvimento da criança, já que nessa fase elas não falam de forma clara e se comunicam de outras formas, por exemplo, balbuciando, chorando e sorrindo, o que é de grande importância para que elas consigam se comunicar verbalmente, como Oliveira (2008, p.149) fala: “O desenvolvimento da linguagem apoia-se em forte motivação para se comunicar verbalmente com outra pessoa [...]” e isso ocorre pela interação da criança com outras crianças, com a mãe, pai, com os educadores.

Grande número de propostas pedagógicas para a educação infantil tem eleito a linguagem como seu eixo mais importante. Segundo elas, a linguagem permeia os outros organizadores do currículo: o jogo infantil e as várias áreas em que o conhecimento básico elaborado em uma cultura pode ser organizado de modo que favoreça a aprendizagem. (OLIVEIRA, 2008, p. 227)

De forma geral, este resultado indica que há, em 100% dos casos, a preocupação por se trabalhar o desenvolvimento da linguagem oral. Além disso, destacam-se as diferentes percepções sobre este tema, dado às várias opiniões emitidas pelas entrevistadas, a saber:

[...] no berçário a linguagem é importante. Por que eles não têm muito o conhecimento da voz, né? Da falinha deles. A gente trabalha muito a linguagem oral na contação de história. Verbal e não verbal, a gente trabalha muito isso. (C2P2, 11/03/2015)

[...] então, não adianta a gente falar... falar porque não é uma classe adulta. Então, a gente é mais assim a questão de demonstrar. A gente vai mostrando como se deve fazer, como se deve agir e as crianças aos poucos elas vão entendendo e assim, é ... essa linguagem. Uma linguagem simples é mais assim, através da demonstração, das atitudes e assim, utilizando, fantoches, brinquedos, mostrando sobre aquele determinado tema que a gente está trabalhando” (C2P3, 11/03/2015).

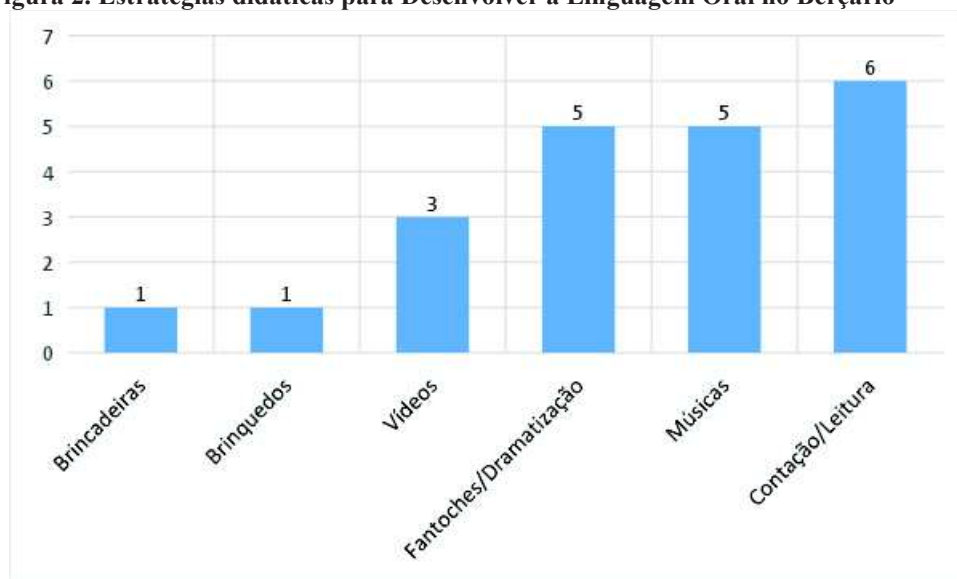
Verificamos que em momento algum as professoras falam da linguagem corporal, musical, plásticas, as quais são privilegiadas pelas crianças para expressarem o que sentem e o que querem. No entanto, o desenho, a brincadeira, a música e os gestos são linguagens infantis. Desta forma, embora possam ter algum conhecimento básico do assunto, elas apontam tais recursos, que devem ser utilizados para o desenvolvimento da linguagem oral.

O desenvolvimento oral é muito importante, no que se refere aos aspectos cognitivo, afetivo e social, fazendo com que a criança amplie seus conhecimentos.

As diferentes linguagens presentes nas atividades realizadas nas creches e pré-escolas possibilitam às crianças trocar observações, ideias e planos. Como sistemas de representação, essas linguagens estabelecem novos recursos de aprendizagem, pois se integram às funções psicológicas superiores e as transformam. Com isso ocorre uma reorganização radical nos interesses e exigências infantis, modificando a relação existente entre a ação e o pensamento infantil. (OLIVEIRA, 2008, p.227)

A partir da análise das respostas das professoras, tentamos também extrair as principais estratégias didáticas utilizadas por elas. Assim, identificamos um conjunto de estratégias para o desenvolvimento da linguagem oral, sendo elas: brincadeiras; uso de brinquedos; vídeos; fantoches/dramatização; músicas e contação de histórias/leitura, como mostra a Figura abaixo:

Figura 2. Estratégias didáticas para Desenvolver a Linguagem Oral no Berçário



A Figura 2 indicam as principais estratégias utilizadas. Obviamente que várias das professoras entrevistadas indicaram a utilização de mais de um tipo de estratégia, portanto, o valor nominal dos rótulos do gráfico ultrapassa o número total de entrevistados.

Portanto, os resultados permitem verificar que a estratégia mais citada pelas entrevistadas foi a contação de histórias/leitura (6 ocorrências). A utilização de fantoches e músicas também foram estratégias indicadas com muita frequência. No entanto a utilização de brinquedos e o desenvolvimento de brincadeiras lúdicas foram citadas apenas uma vez cada.

A contação de história é muito importante para o desenvolvimento do imaginário infantil, ou seja, para desenvolver uma das culturas infantis: a imaginação. O uso dessa ferramenta incentiva também o gosto e o hábito pela leitura, amplia o vocabulário e possibilita o desenvolvimento do pensamento abstrato.

A contação de histórias é a atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A utilização de brinquedos é importante no processo de aprendizagem das crianças. Com o brinquedo a criança tem oportunidade de se desenvolver. Brincando ela experimenta, descobre, cria situações imaginárias, representa a realidade, além de estimular a curiosidade, a

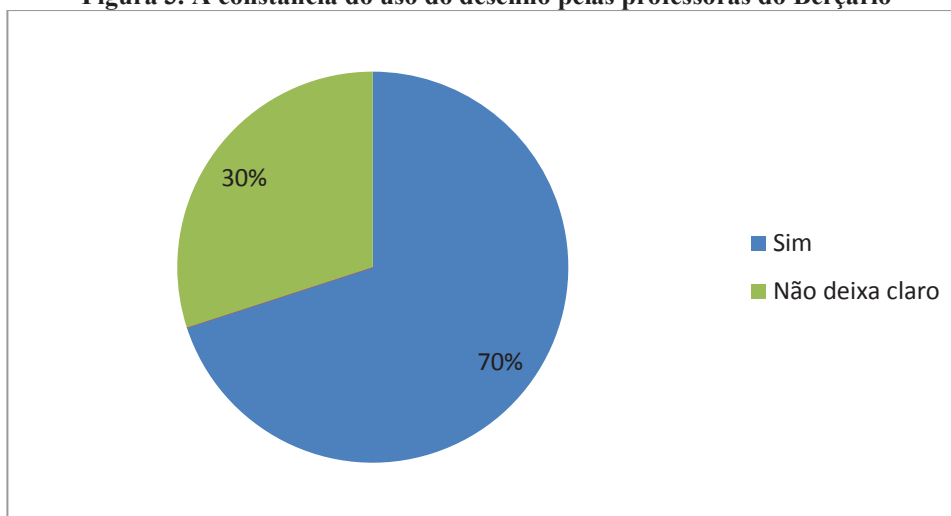
autoconfiança e a autonomia, fatores que proporcionam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e atenção.

Para Vygotsky (1988) o brinquedo é uma importante fonte para promover o desenvolvimento infantil e mesmo não sendo um aspecto predominante da infância ele exerce grande influência para tal desenvolvimento. Não apenas brinquedos concretos, mas jogos e brincadeiras de faz de conta. Para o mesmo autor é através do brinquedo que a criança aprende a atuar no cognitivo que depende de motivações internas. A brincadeira é a realização de um desejo do aqui e agora. O brincar é uma das formas que a criança tem de se expressar. Vale destacar que das 2 (20%) entrevistadas que indicaram a utilização de linguagem visual, todas (100%) delas citaram o desenho como estratégia adotada, além da colagem e pintura.

Objetivando identificar a percepção sobre a importância do desenho no berçário foi solicitado as entrevistadas que falassem sobre a importância do desenho para a educação infantil. Todas as entrevistadas, ou seja, as 10 (100%) professoras entrevistadas, afirmaram reconhecer a importância do desenho, muito embora, não tenham indicado priorizar esta abordagem no planejamento da prática pedagógica. Priorizar a utilização do desenho na prática pedagógica é de extrema importância, pois o desenho além de trabalhar a coordenação motora, vai mostrar as necessidades das crianças, vai deixá-las em contato com várias áreas de conhecimento e utilizam diferentes linguagens como o brincar, falar, cantar dentre outras formas de expressão de acordo com Moreira (2009, p.26). Como também o desenho é uma cultura infantil, e como tal, precisa ser valorizado, uma produção simbólica e não uma mera cópia do real e a criança espera que seja valorizado, como nos fala Macêdo (2014, p.176): “Quando desenham e pintam suas próprias produções, as crianças demonstram prazer e não permitem que alguém desqualifique sua produção. ”

Ademais, a pesquisa conseguiu identificar que além de reconhecer a importância do desenho, a maioria das professoras entrevistadas indicou fazer uso desta estratégia. Conforme, mostra a Figura 3, abaixo:

Figura 3. A constância do uso do desenho pelas professoras do Berçário



Observando a Figura 3 podemos perceber que 7 (70%) das entrevistadas utilizam o desenho, enquanto apenas 3 (30%) não deixaram claro sobre a utilização, embora reconheçam sua importância. No entanto, nenhuma das professoras indicou, categoricamente, a não utilização do desenho.

A partir das análises das professoras entrevistadas foi possível perceber o quanto é importante o desenho no berçário, evidenciado nas falas da grande maioria das professoras, pois 7 (70%) delas afirmaram utilizar o desenho com os bebês de 0 a 2 anos. A maioria das professoras é conhecedora da importância do desenho, uma vez que favorece o desenvolvimento do bebê, como podemos confirmar nas falas abaixo. Dentre as 10 entrevistadas destacamos 3.

Eu acho muito importante por que assim, através do desenho a gente vai vendo o desenvolvimento e a motricidade, né? A gente sempre deixa... desde cedo a gente sempre procura dar papel, lápis. Assim, pra eles rabiscarem, né? Através do desenho a gente já ver como anda o desenvolvimento da criança, dá pra perceber muito bem. Eu acho muito importante o desenho na educação infantil. Desenhar, pintar, rabiscar. Esse tipo de coisa. (C2P3, 11/03/2015)

Desenho... é muito importante porque é no desenho que a gente vai descobrindo a descoberta deles, entendeu? Que eles vão mostrando o que já sabem a cada rabisco, a cada... que vai evoluindo, assim... quando você acompanha o processo, você vendo a evolução deles em cada rabisco, o que eles fazem é muito importante. (C4P4, 02/03/2015)

Muito importante o desenho na educação infantil, até porque o desenho expressa atuação, a situação atual da criança, às vezes a criança vem muito agressiva pra cá, ela chora muito a gente não sabe o porquê, a partir do momento que a gente deixa ela livre pra desenhar, e claro esse livre com aspas, porque a gente vai monitorar direitinho, vai encaminhar vai fazer as interferências precisas e o desenho exprime tudo, as vezes até uma questão

familiar, e a criança desenha a família, usa cores fortes, essas cores fortes indica que algo que está acontecendo ou então faz uma coisa super bonita, muito singela, então indica, que a criança está feliz, está bem. E pra isso o professor tem que entender que a gente precisa da teoria ai, porque jamais eu vou identificar no desenho da criança o que ela está expressando se eu não tiver um pouco de teoria pra isso. (C6P3, 13/03/2015)

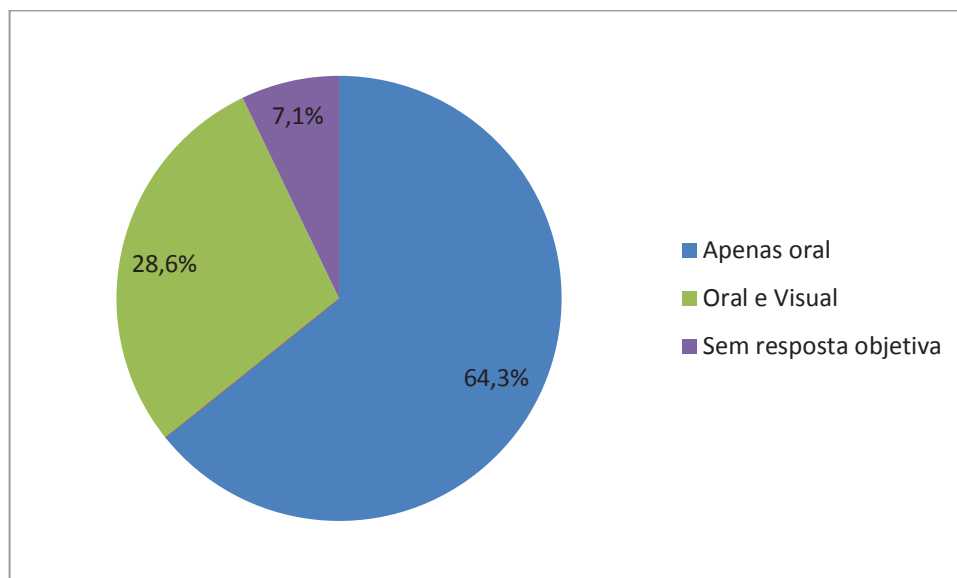
As professoras falam da importância do desenho em mostrar o que a criança sente, o que ela pensa, como ela consegue se expressar. Mesmo sem saber falar ela consegue rabiscar. O desenho assume várias possibilidades para a criança a “[...] de brincar, o desenho como possibilidade de falar [...]” (MOREIRA,2009, p.26). Ademais, segundo as professoras o desenho serve para mostrar o quanto a criança aprendeu, sua evolução no decorrer do ano, nos indicando mais uma vez o quanto tem importância o desenho como ferramenta de trabalho, que possibilita a criança se comunicar através dele e que elas fazem brincando, que é o que fazem de mais sério (SARMENTO, 2011). Ao desenhar a criança desenvolve seus processos criativos e amplia suas possibilidades de expressão carregadas de significados registrando as alegrias, medos, tristezas, sonhos fazendo com que conheçamos um pouco dela.

Desse modo percebemos que as professoras compreendem a importância do desenho para o desenvolvimento infantil e que fazem uso do mesmo em sua prática pedagógica para uma melhor aprendizagem infantil. As evidências permitem concluir que a inserção das artes visuais, como o desenho, precisa ser considerada na prática pedagógica no berçário, de forma a estimular o aprendizado nos primeiros anos de vida.

3.3 O Trabalho Com as Linguagens no Maternal

Assim como no tópico 4.1, analisaremos nesta seção quais linguagens/temas/conteúdos são privilegiadas no planejamento da prática pedagógica com as crianças no maternal. A partir dos dados coletados foi possível quantificar esta análise, como mostra a Figura abaixo:

Figura 4. Linguagens mais Ressaltadas pelas Professoras do Maternal



A Figura 4 aponta que, 9 das 13 professoras do maternal entrevistadas, ou seja (64,3%), indicaram priorizar apenas linguagem oral. Nenhuma professora disse priorizar apenas linguagem visual, 4 (28,6%) das professoras afirmaram utilizar conjuntamente as linguagens oral e visual, sendo que apenas 1 (7,1%) das profissionais de educação infantil não indicaram uma resposta objetiva à questão apresentada.

As professoras do maternal, em sua maioria, priorizam a linguagem oral, pois ajudam o desenvolvimento da fala, onde elas relatam utilizarem muito a música e a leitura para trabalhar com as crianças. Enquanto que um percentual menor explora a linguagem oral e a visual através da contagem de histórias com ilustrações, utilizam vídeos de histórias, músicas, dentre outras.

Quando convidadas a falar sobre a utilização das diferentes linguagens com as crianças do maternal as professoras evidenciaram diferentes percepções sobre este tema, emitindo várias opiniões, conforme estão expressas nas falas abaixo:

Eu procuro assim... o que a gente ver que é mais importante, né? Naquela faixa etária das crianças, né? Eu procuro assim...uma linguagem mais simples possível, né? Porque a gente tá trabalhando com crianças e usando muito a questão de... de... fantoches, de brinquedos. Assim, tipo... gente mostra algumas coisas, demonstra. A questão de demonstrar por que a criança ela aprende muito quando ela tá vendo, né? Então, não adianta a gente falar... falar porque não é uma classe adulta. Então, a gente é mais assim a

questão de demonstrar. A gente vai mostrando como se deve fazer, como se deve agir e as crianças aos poucos elas vão entendendo e assim, é.. Essa linguagem. Uma linguagem simples e mais assim, através da demonstração, das atitudes e assim, utilizando, fantoches, brinquedos, mostrando sobre aquele determinado tema que a gente tá trabalhando. (C2P3, 11/03/2015)

Na linguagem a gente trabalha, com as literaturas, os paradidáticos, é... Os gêneros textuais, desde o maternal, a gente já trabalha com os gêneros textuais, no sentido do contato, pra criança ter o contato. Mas... E também com reconto, eles já fazem reconto no maternal, é uma prática já desde o maternal, aqui o reconto, e.... é... em relação a linguagem é mais isso. (C6P8, 13/03/2015)

A linguagem, eu sempre trabalho com linguagem oral certo? E também a verbal e a não verbal, a gente trabalha porque já é do maternal 2... a gente trabalha com a linguagem oral, trabalha muito conto, recontos certos? A gente trabalha também a parte matemática, também dentro da linguagem, entendeu? Porque como é ... creche a gente trabalha os conteúdos inseridos, todos os conteúdos inseridos num só conteúdos entendeu? (C8P4, 11/03/2015)

As professoras, em sua maioria, falam da importância de trabalhar com contação de histórias e o reconto, destacando que sempre ilustram o que estão falando, pois a criança é mais visual, ela aprende mais experimentando e vendo. Relatam também a importância da música e do movimento para o desenvolvimento infantil e manifestam preocupação com o desenvolvimento em sua totalidade.

A expressão corporal, porque a expressão corporal fala tudo, ele ainda tá desenvolvendo a oralidade, aí a expressão do corpo, eu trabalho muito o corpo, é tanto que eu saio daqui muito cansada, eu rolo no chão se for preciso, porque eu trabalho com crianças que tá começando a andar, começando a falar, então pra que a oralidade seja desenvolvida tem que desenvolver o corporal, a questão da movimentação. (C3P5, 02/03/2015)

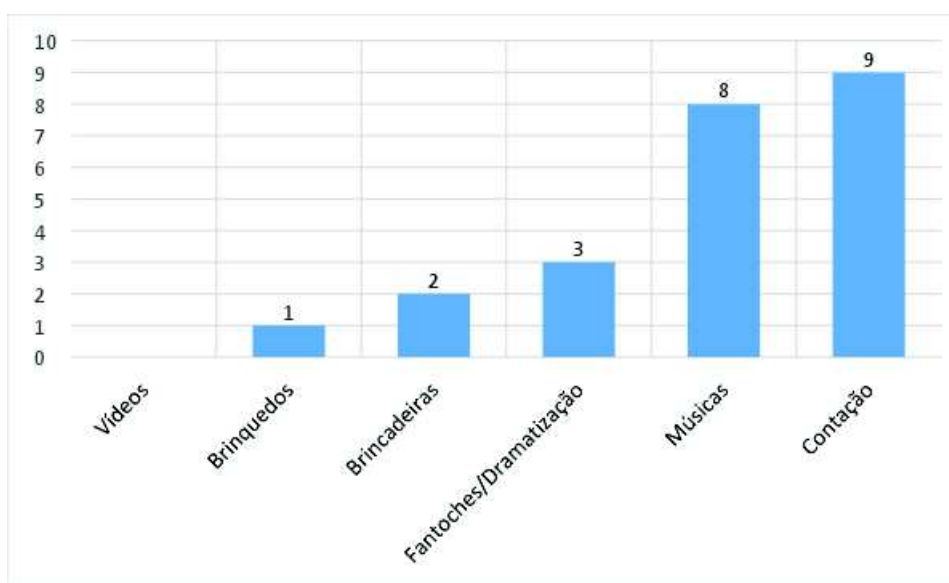
É na educação infantil que a criança vai se tornando independente, descobrindo que possui potencialidades e vai experimentando novas possibilidades, tomando consciência de seu corpo, do espaço que ele ocupa. Trabalhar movimento é fundamental na EI, pois é uma linguagem infantil, a criança se expressa através de gestos, ela se desenvolve pulando, dançando como a professora ressalta a criança desenvolve a oralidade quando se trabalha com o movimento. Por isso, que a ludicidade deve está presente na educação infantil como proposta de trabalho do professor, onde os jogos e brincadeiras representam as principais estratégias de aprendizagem e isso está presente no Referencial Curricular Nacional para

Educação Infantil (BRASIL,2008). Ao brincar, a criança interage com o mundo, desenvolve-se física e emocionalmente, desenvolvendo sua imaginação e criatividade.

Educar significa, portanto propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos amplos da realidade social e cultural (BRASIL,1998, p.23).

Ademais, também buscamos identificar as principais estratégias didáticas utilizadas pelas professoras do ciclo maternal nas instituições pesquisadas para o desenvolvimento da linguagem oral, conforme podemos observar no gráfico a seguir:

Figura 5. Estratégias Didáticas para Desenvolver a Linguagem Oral no Maternal

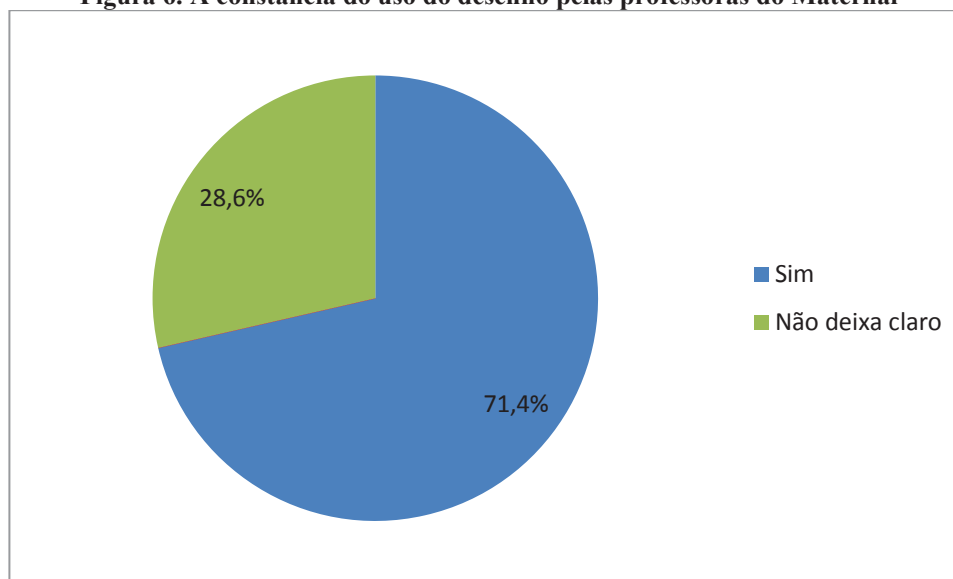


As principais estratégias indicadas pelas professoras foram a contação de histórias/leitura e utilização de músicas, o que pode ser destacado como de fundamental importância para as crianças, pois permite conhecer e integrar valores estabelecidos pela sociedade a partir das experiências vivenciadas no âmbito das instituições. É importante instigar a criança a refletir, problematizar situações que façam a criança pensar, fazer descobertas e construir sua aprendizagem. Ao ouvir histórias a criança imagina, se transporta para aquele mundo de fantasia. A contação de histórias também desenvolve a oralidade, desperta o gosto pela leitura e favorece a interação social. “É na interação social que as

crianças são inseridas na linguagem, partilhando significados e sendo significadas pelo outro.” (BRASIL, 1998, p.24)

Vale salientar, que as professoras do maternal, assim como as do berçário, também reconhecem em sua totalidade a importância do desenho na Educação Infantil, como mostra a Figura a seguir:

Figura 6. A constância do uso do desenho pelas professoras do Maternal



No que se refere ao desenho no maternal, dez (71,4%) das professoras afirmaram categoricamente realizar atividades de desenho, embora não o privilegiam no planejamento da prática pedagógica, enquanto quatro (28,6%) das professoras não deixam claro sobre a utilização desta linguagem. As professoras que utilizam o desenho na sua prática pedagógica têm conhecimento da sua importância para o desenvolvimento infantil, como Sarmiento (2011) diz que o desenho é uma das formas simbólicas mais importantes das crianças.

É muito importante o professor ter o conhecimento dos documentos oficiais e colocar em prática o que os mesmos sugerem, assim como criar situações onde as crianças possam fazer uso de vários materiais que ajudem no seu desenvolvimento.

As professoras destacaram, em suas falas, a importância do desenho para a criança no maternal, ficando evidenciado, portanto, que estas profissionais entendem a importância do desenho para o desenvolvimento integral da criança, confirmado nas falas abaixo:

Eu acho muito importante por que assim, através do desenho a gente vai vendo o desenvolvimento e a motricidade, né? A gente sempre deixa...desde cedo a gente sempre procura dar papel, lápis. Assim, pra eles rabiscarem, né? Porque isso vai desenvolvendo e a gente já percebe no maternal um bom desenvolvimento que quando a gente vai pedir para a criança desenhar, se desenhar, né? Eles já conseguem colocar... fazer a cabeça, as perninhas, uma boa parte, entendeu? Através do desenho a gente já ver como anda o desenvolvimento da criança, da pra perceber muito bem. Eu acho muito importante o desenho na educação infantil. Desenhar, pintar, rabiscar. Esse tipo de coisa. (C2P3, 11/03/2015)

É importante porque é através do desenho que a criança aprende, porque o desenho trás o que? As cores né? Então, ajuda bastante a criança, ela vai saber o meio, né? E chama muito a atenção das crianças, porque é através dele que elas aprendem, desenvolvem. (C4P6, 02/03/2015)

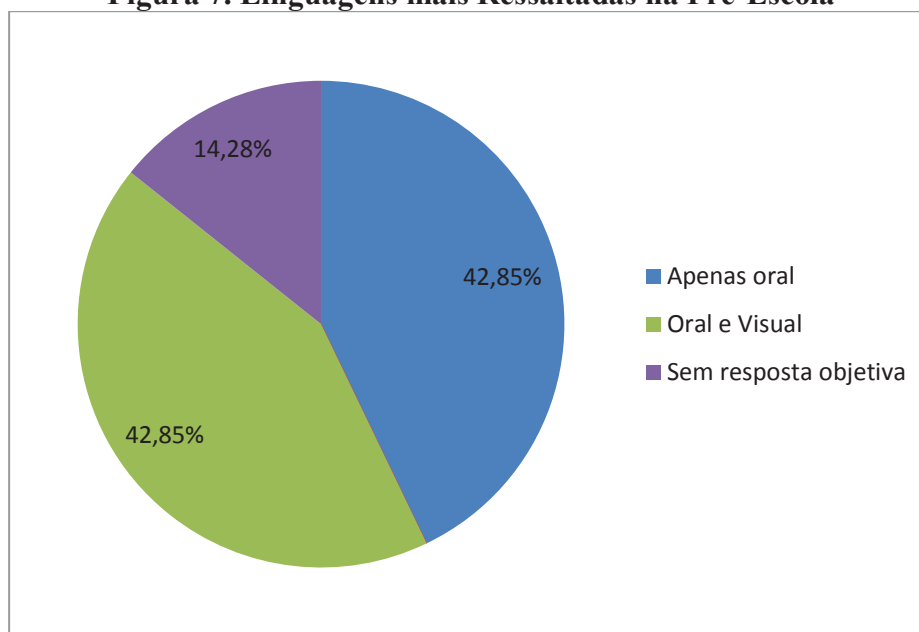
Podemos perceber que no ciclo maternal da educação infantil as linguagens orais são privilegiadas pelas professoras entrevistadas. Estas também reconhecem a importância do desenho, no entanto, em alguns casos as respostas não deixam claro o efetivo uso, embora acreditem que o desenho traz significativos benefícios ao processo de ensino-aprendizagem.

É através do desenho que a criança expressa o que sente, solta sua imaginação, experimenta cores, formas, enfim, ela organiza seu pensamento, se desenvolve cognitivamente. Sarmiento (2011) afirma que o desenho é uma linguagem simbólica, pois é um meio de comunicação não verbal utilizado pelas crianças que antecede a fala, mesmo sem falar as crianças rabiscam. As professoras têm ciência da importância do mesmo para que as crianças cresçam na forma de pensar, agir, de se expressar e por tudo isso se faz necessário que o desenho entre no planejamento pedagógico, não como um passa tempo, mas como uma forma de expressão artística da criança.

3.4 O trabalho com as linguagens na pré-escola

Nesta última seção abordamos os resultados da pesquisa com professoras da pré-escola. Assim como nas discussões anteriores, identificou-se os tipos de linguagens privilegiadas na prática pedagógica, conforme pode ser observado na Figura 7 a seguir:

Figura 7. Linguagens mais Ressaltadas na Pré-Escola



A Figura acima mostra que (42,85%), ou seja, 3 das professoras da pré-escola entrevistadas relataram priorizar apenas a linguagem oral, enquanto que outras 3 (42,85%) delas afirmaram privilegiar linguagens oral e visual. E apenas 14,28%, ou seja, 1 professora apresentou uma resposta não objetiva para a questão.

Além disso, destacam-se as diferentes percepções sobre este tema, dado às várias opiniões emitidas pelas entrevistadas, a saber: além de trabalhar a linguagem oral é relatado o trabalho com o movimento, a música, a ludicidade, coordenação motora. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 39) :

É muito importante que o professor perceba os diversos significados que pode ter a atividade motora para as crianças. Isso poderá contribuir para que ele possa ajudá-las a ter uma percepção adequada de seus recursos corporais, de suas possibilidades e limitações sempre em transformação, dando-lhes condições de se expressarem com liberdade e de aperfeiçoarem suas competências motoras.

As entrevistadas destacaram, também, o trabalho com a linguagem textual, manuseio de jornais, gibis, livros da escola, a literatura da escola e vídeos infantis.

Eu busco trabalhar com textos, com a linguagem textual, geralmente em cima de um texto eu trabalho com eles, aí esse texto a gente trabalha alguns dias, na verdade, pra eles fixarem a partir de desenhos também, de coordenação motora livre também, que assim a partir dos textos eles vão

criar na cabeça deles né? O que foi visto naquele texto. Escrita também, eu gosto bastante, assim de focar na escrita, porque eu vejo assim... eu trabalho na escola particular também, e a gente ver que as realidades são totalmente diferentes e eu busco trazer o que eu vejo lá para aqui, sabe? Assim, não é porque as crianças são de escola pública que eu jogo eles pra lá. Eu busco bastante, porque eu acho interessante, assim, a gente ver que a educação, ela pode ser trabalhada...essas crianças, elas podem aprender tanto, quanto lá, sabe? mesmo com um pouco mais de dificuldade, porque a gente sabe que não tem o envolvimento dos pais tanto quanto lá, mas assim eu busco trazer bastante o conhecimento de lá, então eu busco trabalhar...que na verdade nas creches eles não querem que a gente trabalhe até determinada idade, é tanto que quando eu peguei turmas menores, eu não sei se isso vai interessar, mas, assim, como tá no contexto, quando eu peguei turmas menores eles não querem que a gente trabalhe essa escrita, eles não querem que a gente trabalhe esse desenvolvimento e fica difícil, porque lá no futuro, quando essas crianças estiverem precisando escrever, precisando ler vai tá bem atrasado, da realidade da escola particular, aí como é que você diz uma educação de qualidade pra estar igual e, na verdade, não insere essas Coisas? Então, assim, eu busco bastante também trabalhar essa parte de leitura, de escrita, a partir de desenho, de texto, de formação de textos com as crianças. (C3P4, 02/03/2015)

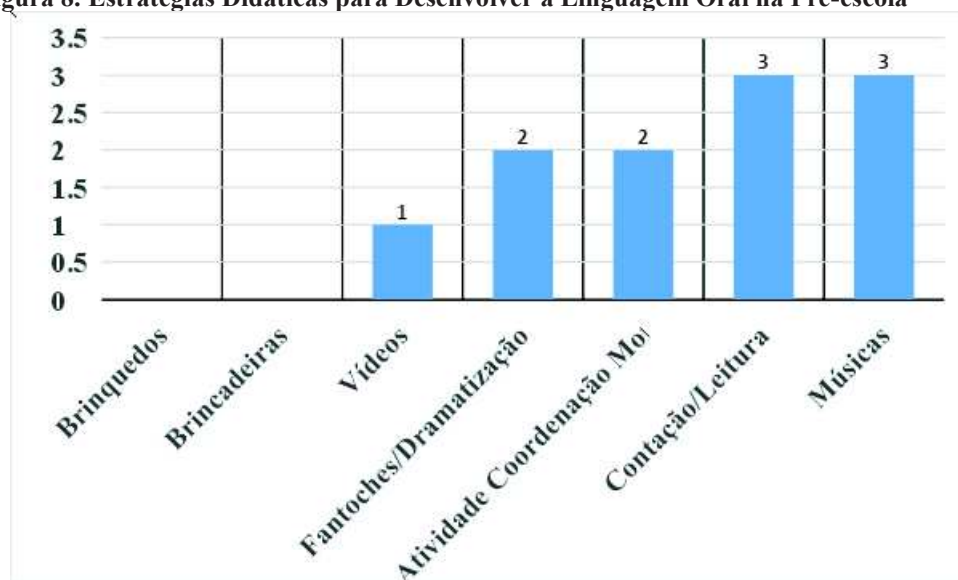
A gente trabalha com fantoches, né? Trabalha a história, tenta dramatizar com as crianças, tem as horas do conto, coloca em rodinha lá no pátio, prepara o cenário, faz uns tapetes que tem ali, tem muita coisa, tem material de apoio, é... Por exemplo: chapeuzinho vermelho, aí a gente tem todo aquele tema, tem os aventais também né? Temáticos, coloca a crianças, tem uns tapetes já temáticos com as histórias que eles já trabalharão, pra gente vivenciar de acordo com que tá na história, a criança faz também o reconto, entendeu? E música também, a música. (C7P1, 04/03/2015)

As professoras relatam que trabalham com contação de histórias e sobre a importância de trabalhar músicas onde as crianças vão memorizar e saber a letra de memória, o que facilita para introduzi-las ao mundo letrado, levar a realidade de crianças que estudam na rede privada para dentro da creche para tentar diminuir a diferença do ensino de uma para outra. O foco na educação infantil não deve ser a linguagem escrita, mas o trabalho com as multiplicidades de linguagens, estando a escrita com toda a sua riqueza de gêneros dentre estas, sem necessariamente estar preparando a criança. As linguagens estão presentes na contação de histórias, na dramatização, na música, no desenho, ou seja, importante priorizar as linguagens infantis. Trabalhar com fantoches onde a criança possa vivenciar a história contada, onde ela vai soltar sua imaginação, vai fantasiar, tudo isso contribui para o desenvolvimento infantil. É importante a preocupação da professora, pois de acordo com as DCNEI, “ [...] promovendo a igualdade de oportunidades educacionais entre as crianças de diferentes classes sociais no que se refere ao acesso aos bens culturais e às possibilidades de vivência da infância”; (BRASIL, 2009, p.17),

no entanto, outras linguagens precisam e devem ser trabalhadas na educação infantil, cujo objetivo é o desenvolvimento integral da criança.

Com relação a prioridade das linguagens no planejamento, buscou-se identificar, assim como no berçário e maternal, as principais estratégias utilizadas pelas professoras da pré-escola, para trabalhar a linguagem oral, como mostra a Figura a seguir:

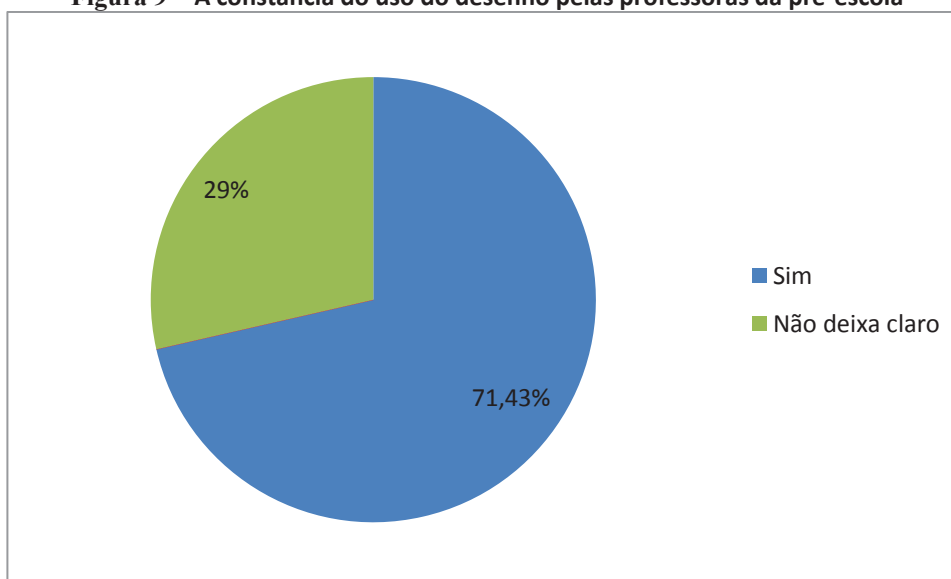
Figura 8. Estratégias Didáticas para Desenvolver a Linguagem Oral na Pré-escola



Ao observarmos a Figura acima podemos verificar que há uma distribuição quase uniforme em relação às principais estratégias priorizadas, a exemplo: vídeo, fantoches/dramatização, atividades de coordenação motora, contação/leitura e músicas.

É na Educação Infantil que a criança vai se tornando independente, descobrindo que possui potencialidades e vai experimentando novas possibilidades, tomando consciência de seu corpo, do espaço que ele ocupa. Os vídeos, os fantoches, a dramatização, contação de história/leitura, a música devem estar presentes no planejamento pedagógico, pois ajudam no desenvolvimento infantil, ou seja, são essenciais para o desenvolvimento integral da criança.

As professoras da pré-escola, também reconhecem a importância do desenho na educação infantil, ou seja, 100% das entrevistadas (sete) afirmam o valor significativo que o desenho tem no desenvolvimento integral e no aprendizado das crianças nesta fase. Neste contexto, nossa pesquisa investigou se há uso do desenho pelos mesmos na prática pedagógica, conforme podemos verificar nos dados da Figura abaixo:

Figura 9 – A constância do uso do desenho pelas professoras da pré-escola

Ao analisarmos os dados da Figura podemos verificar que do total investigado, 5 delas (71%) afirmaram categoricamente fazer uso do desenho, enquanto apenas 2 (29%) não deixam claro se utilizam o desenho. Ou seja, a maior parte diz fazer uso do desenho como ferramenta de ensino e fala que é muito importante para o desenvolvimento da criança. O relato da importância do desenho livre, no qual a criança vai expressar o que sente, o que pensa, que através do desenho pode ver o desenvolvimento no decorrer do ano é visto na fala da professora. A seguir alguns relatos sobre a importância do desenho na pré-escola na visão dos entrevistados:

Eu acho importante. Por que? Porque querendo ou não, assim, o desenho livre, onde eles vão expressar, o que eles sentem, né? Então assim, quando eles expressam o que eles sentem, o que eles vivem, a gente, a partir daquele desenho, a gente consegue identificar e as vezes a gente consegue até identificar e as vezes a gente consegue até ajudar, né? Quando se permite, que às vezes infelizmente a família não permite, mas quando se permite a gente consegue ajudar e, assim, é interessante porque é a partir desse desenho, eles vão criando a coordenação, tipo assim, a gente, eu estava até trabalhando agora com a outra professora, a gente trabalhando a parte do corpo, onde a gente vai mostrando que existe cabeça, pescoço e vai sabe? E onde eles começam fazendo aquela cabecinha com aquele palitinho e depois eles vão aprendendo, e a gente vai mostrando essa diferença é eles vão aprendendo a partir desse desenho que existem, além mais até eles colocaram naquele papel. (C3P4, 02/03/2015)

O desenho, o desenho é o momento que a criança representa como ela percebe as coisas, ela coloca no papel aquilo que ela percebe, como ela ver

as coisas. Eu não vejo, pelo menos eu não acredito que o desenho, ele seja útil se ele for usado como reprodução, como cobrir pontinhos, por exemplo, né? Mas eu acredito que o desenho ele é como a criança percebe determinado aspecto, o mundo, seja lá o que for e ela coloca no papel, ela representa no papel (C2P7, 11/03/2015)

Através do desenho a criança expressa o que sente e o que imagina sobre determinada coisa. É uma forma de interagir com outras crianças e com adultos, por tanto, é fundamental para a criança, pois oferece um desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, envolvendo movimento e saberes de forma prazerosa e envolvente, pois é lúdico, para a criança é uma brincadeira onde ela vai externar sua forma de pensar e sentir de forma concreta, seja no papel, na areia, na parede através de seus traçados. É uma das formas simbólicas mais importantes da criança, como afirma Sarmiento (2011). O desenho nos permite ver a evolução da criança ao longo do ano, elas começam com simples rabiscos e vão tomando outras formas, vai ficando uma construção cada vez mais ordenada, isso através da interação com seus desenhos e com os de outras crianças. É uma cultura infantil, pois é uma produção simbólica onde as crianças demonstram o que sentem e pensam, tendo prazer em fazer tal coisa, sem permitir que digam que é feio, como afirma Macêdo (2014).

Na pré-escola as linguagens visuais são citadas espontaneamente pelas professoras entrevistadas, indicando a importância que dão ao assunto. Além disso, a maioria das profissionais de educação indicaram conhecer a relevância do desenho na educação infantil e afirmaram que estimulam este tipo de arte visual.

Percebemos que é reconhecida a importância do desenho, pelas professoras, para o desenvolvimento infantil, mas, deixam uma lacuna em relação a colocar o desenho em seu planejamento pedagógico, pois esses profissionais trabalham muito com projetos e estes vêm pronto da Secretaria de Educação para que façam os ajustes necessários, ou seja, trabalhar os conteúdos de Português, Matemática, Ciências Sociais e Naturais e Artes dentro da temática enviada pela Secretaria. Assim, o lugar do desenho não é priorizado como deveria ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa analisamos a percepção de professoras que atuam na educação infantil sobre as linguagens e, em especial, o desenho, através de entrevistas realizadas com professoras que atuam em turmas do berçário, maternal e pré-escola. É válido ressaltar que o desenvolvimento da pesquisa contribuiu ainda mais para a formação da autora, no ensejo em que permitiu a vivência de experiências reais no ambiente de atividade da profissão de professor. A execução da pesquisa in loco mostra quão grande é o desafio diário das professoras na busca das melhores práticas para uma educação que privilegie a criança, suas necessidades e singularidades.

Em linhas gerais, percebemos uma predominância da linguagem oral como prática principal na educação infantil. As professoras utilizam a linguagem do desenho na sala de aula, porém, elas não compreendem que o desenho é uma linguagem artística, que deve ser trabalhada pelo valor em si, como uma arte, mas também, deve ser trabalhada como uma linguagem estética, simbólica e cultura infantil, que possibilita o desenvolvimento da criatividade e do grafismo da criança.

Os resultados nos possibilitam concluir que há unanimidade no reconhecimento da importância do desenho como atividade pedagógica, no entanto, foi possível identificar, também que o desenho não é percebido em sua dimensão artística/estética constituindo-se em uma linguagem marginal na prática pedagógica das professoras, as quais privilegiam mais a oralidade, dentre outras linguagens. Em face destes achados concluímos que o desenvolvimento das crianças não é atingido em sua integralidade, pois ao não compreenderem o desenho como uma linguagem simbólica que promove o desenvolvimento da criatividade, da dimensão artística/estética e afetiva das crianças as professoras acabam por empobrecer as experiências das crianças com os bens culturais produzidos pela humanidade.

Os resultados obtidos permitiram responder ao problema de pesquisa, uma vez que foi possível ter um panorama sobre a importância do desenho e, por conseguinte, estabelecer uma visão geral sobre as percepções dos professores acerca do assunto. Ademais, os resultados desta pesquisa podem servir de base inicial para o desenvolvimento de outras, que aprofundem a discussão sobre o uso das artes visuais e estabeleçam estratégias que tornem o desenho como uma atividade pedagógica com o mesmo valor de importância das demais.

Por fim, percebemos a importância de que as professoras de Educação Infantil terem uma formação qualificada na área do ensino de Artes, apesar de pagarem uma disciplina no curso de Pedagogia, precisam ter mais experiências estéticas, como visitas a museus, ateliers de arte, que o curso deve oferecer componentes curriculares extras específicos na área, enfim, que possam aprender e experimentar a Arte em toda a sua amplitude e trabalhar a Arte como deve ser.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philipe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

_____. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

Arte e a Lei de Diretrizes e Bases. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/arte-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases/36090>. Acesso em: 12Q12Q2017

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **Ver depois de olhar: A formação do olhar dos professores para o desenho das crianças**. São Paulo: Cortez, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da artes: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BORDONI, Thereza. **Descoberta de um universo: a evolução do desenho infantil**. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp62.htm>. Acessado em: 07/05/2015.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC/SEF, 1996.

CAMPOS, Josué; TEIXEIRA, Érika F.; GOELZER, Marlene M. **Arte, infância e formação de professores**. SEDUC – MT. 2014. Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Arte,-inf%C3%A2ncia-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores.aspx>. Acesso em: 16/11/2017.

CARVALHO, Eronilda Maria Góis. **Educação infantil: percurso, dilemas e perspectivas.** Ilhéus, BA: Editus, 2003

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** Artmed Editora, 2009.

CORSARO, W. A. **Reprodução interativa e cultura de pares.** MÜLLER, F; CARVALHO, A. M. A. (Org.). Teoria e prática na pesquisa com crianças: Diálogo com Willian Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009; p. 31-35.

CORSARO, W. A.. **Sociologia da Infância.** Porto Alegre: Artmed, 2011, 384 p
DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil.** 3 ed. SP: Scipione, 2004.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. Apresentação. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. (Org.). **Sociologia da infância no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2011

FARIA, A. L. G. DE, & PALHARES, M. S. (orgs). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios.** Campinas: Autores Associados, 2000.

FERRAZ, Maria Heloísa de Toledo, FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte.** São Paulo: Cortez, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIRARDELLO, Gilka. **Voz, Presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas.** (s.d.).

GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos meninas no cotidiano da educação infantil.** Artigo - USP, 2010.

GONÇALVES, Cristiane Januário; ANTONIO, Débora Andrade. **As múltiplas linguagens no cotidiano das crianças**. Zero-a-Seis, v. 9, n. 16, p. 85-108, 2008.

GUEDES, Adrienne O; FERREIRA, Michelle D. **O professor de educação infantil, a arte e a Educação estética: percursos de um grupo de pesquisa**. 38ª Reunião Nacional da ANPED. São Luís, 2017.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

JOSSO, Marie - Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOHL, Marta de Oliveira. **Pensamento e linguagem**. In: _____. Vygotsky. São Paulo: Scipione, 1995.

KRAMER, S. (Org.). **Infância e educação infantil**. Campinas: Papyrus, 1999

KUHLMANN Jr., M. **Infância e educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre:Mediação,1998.

LOWENFELD, V. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestrajou, 1970.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro. **A Infância Resiste à Pré-escola?** Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2014.

MACHADO, Maria Lúcia de A. **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MALAGUZZI, Loris. **História, ideias e filosofia básica**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.59-104

MALHEIROS, Bruno Taranto. Coletando dados qualitativos. In: **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p.39 a 203.

MELLO, Rosemary Alves de. **Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo...** as artes visuais em instituições de educação infantil em Campina Grande- PB (Tese de Mestrado): UEPB, 2005.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MORRONE, Beatriz. **A importância do ensino das artes na escola**. Revista Época. Editora Globo. Disponível em: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>. Acesso em: 13/12/2017.

NETO, Elydio dos Santos. SILVA, Marta Regina Paulo da. **Quebrando as armadilhas da adultez: o papel da infância na formação das educadoras e educadores**. UMESP:2007. p.1

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PENNA, Maura. **É Este o Ensino de Artes Que Queremos?** Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Editora Universitária. João Pessoa, 2001.

PIAGET, J. **A Formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

POLLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Artes

Médicas, 2006.

PRESTES, Z. **A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural**: algumas considerações. Revista de Educação Pública, [S.l.], v. 22, n. 49/1, p. 295-304, jul. 2013. ISSN 2238-2097

RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto. **Para sala ou para casa?** São Paulo: Didática Paulista, 1999. vol. 1

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.

SANTINI, Jacyara Batista; VASCONCELOS, Sônia Tramuja. **Educação infantil, ensino de arte e educação estética**: espaços-lugares de experiências e aprendizados. Anais do Fórum de pesquisa em arte. Curitiba: ArtEmbap, 2013. Disponível em: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/IX_Forum_de_Pesquisa_em_Arte/Anais/017_Jacyara_Batista_e_Sonia_Tramujas.pdf. Acesso em: 17/11/2017.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho. 2002. Disponível em: http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab>. Acesso em: 20/10/2017.

SARMENTO, M.J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. Disponível em: http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/menu_base_text_trab.htm>. Acesso em: 22/10/2017.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R. de; SARMENTO, M. J. **Infância (In) visível**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2007.

SARMENTO, M. J. **Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais**, Revista O Social em Questão. Revista da PUC-Rio de Janeiro, XX, nº21 (15-30). 2009.

_____. **Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas**. In: MARTINS FILHO, A. J.; PRADO, P. D. Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.p. 27-60.

SMOLE, K. C.S.; DINIZ, M.I. **Ler e Aprender Matemática**. In: SMOLE, K. C.S.; DINIZ, M.I (orgs.) **Ler, escrever e resolver problemas: habilidades básicas para aprender matemática**. Porto Alegre: Artmede Editora, 2001. p. 69-86.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO E RESPOSTAS – BERÇÁRIO

7. Que linguagens/temas/conteúdos você privilegia quando vai planejar sua prática pedagógica com as crianças?

A linguagem oral. No berçário a linguagem é importante. Por que eles não têm muito o conhecimento da voz, né? Da falinha deles. A gente trabalha muito a linguagem oral na contação de história. Verbal e não verbal, a gente trabalha muito isso.

E como você trabalha essas questões que você falou?

É... atividades com fantoches, eu conto história com livro todos os dias, a gente faz isso. (11/03/2015 – C2P2)

Eu procuro assim... o que a gente ver que é mais importante, né? Naquela faixa etária das crianças, né? Eu procuro assim...uma linguagem mais simples possível, né? Porque a gente tá trabalhando com crianças e usando muito a questão de... de... fantoches, de brinquedos. Assim, tipo... gente mostra algumas coisas, demonstra. A questão de demonstrar por que a criança ela aprende muito quando ela tá vendo, né? Então, não adianta a gente falar... falar porque não é uma classe adulta. Então, a gente é mais assim a questão de demonstrar. A gente vai mostrando como se deve fazer, como se deve agir e as crianças aos poucos elas vai entendendo e assim, é... essa linguagem. Uma linguagem simples e mais assim, através da demonstração, das atitudes e assim, utilizando, fantoches, brinquedos, mostrando sobre aquele determinado tema que a gente tá trabalhando.

Como você trabalha esses temas, esses conteúdos?

Como assim?

O método que você usa. A forma como você trabalha com eles?

Assim, é como eu te falei, né? Geralmente, a gente trabalha usando uma linguagem simples e usando... pronto, no berçário, por exemplo, se a gente for trabalhar sobre a higiene. A gente pega é... como a gente já trabalhou e num maternal também, pega um bebezinho... um boneco, né? Ai, faz a... a... mostrando como deve ser a higienização, é como é que é para escovar os dentes, tomar banho, este tipo de coisa, entendeu? (11/03/2015 – C2P3).

Quando a gente vai fazer o planejamento, a gente sempre tenta priorizar as músicas, né. As músicas... as músicas é... o movimento, a questão da corporeidade e a ludicidade juntas, é...

eles são grandes amigos no nosso planejamento no berçário, né. Porque a corporeidade a gente trabalha o corpo com o movimento e aí entra a música e a ludicidade. É as brincadeiras, né? As brincadeiras que a gente transforma, que o brincar a gente transforma as brincadeiras em aprendizados e nisso já vai unindo os movimentos que é o que a gente necessita bastante que as crianças do berçário necessitam bastante que é o movimento, que é a oralidade, que é o olhar, a observação, tudo isso. Enfim... (02/03/2015 – C4P3).

Pra cá né? Para dentro do berçário?

É... a gente trabalha mais música com os meninos, entendeu? E a questão visual. Assim, vídeo, tv. Esse lado a gente trabalha mais com eles porque são bebês é o que vai chamar mais a atenção deles, entendeu? Então, a gente introduz os conteúdos assim... a gente já começa com música, trabalhando a gente já tem noção. Dá, os maiorzinhos quando eles já são depois do meio do ano mais ou menos a gente pega o b2, entendeu? E a gente já trabalha mais essa questão da fala, da fala deles. Então, a gente bota muita música... música e vídeo é mais dentro disso aí que a gente trabalha com eles.

Como você trabalha esses vídeos?

É na questão visual, entendeu? Eles veem e a gente vai cantando e repetindo, mostrando a eles e eles vão fazendo também, entendeu? É uma questão de trabalhar juntos, mostrando mesmo kkkk. (02/03/2015 – C4P4)

A linguagem... A contação de história porque eu acho que eles se desenvolvem bastante porque ali você trabalha a oralidade, né? Trabalha a questão do desenho, a interação, né? A importância do ler.

E como você trabalha essa contação de história?

Nós usamos fantoches... é fazemos rodinhas com eles. Pegamos vídeos interativos... de várias formas. Assim, trazemos eles aqui pra o pátio... pra ficar mais diferente em sala de aula. (17/03/2015 – C5P2).

Oralidade, memória auditiva, lateralidade com músicas, histórias, aventais. (13/03/2015 – C6P2)

Aqui é... nós usamos muito a leitura como base, acha que tudo parte da leitura, quando o professor lê muito pra criança e através dessa leitura a gente faz releitura, e produz... e produz

temas a parti deles, a gente faz uma leitura e pergunta o que eles entenderam dessa leitura, fazendo a releitura e a parti dali que historia a gente pode criar com tudo isso, então tudo aqui a gente parte da criança, nada de muito assim, é claro que o tradicional o construtivismo todas essas tendências são utilizadas, né? Todas essas são utilizadas, mas assim, a gente procura que... vai a partir da criança, a criança da pré-escola aqui tem muitas que saem lendo e chegam lá no fundamental e consegue desenvolver um bom trabalho, porque? Porque parte delas, a gente jamais vai chegar aqui e vai pedir que a criança faça uma atividades é... que não sejam dirigidas, que não sejam atividades que elas sabem o que tá fazendo, só por fazer, ela tem que fazer porque tem que cumprir, a gente não tem que cumprir nada a gente tem que desenvolver as habilidades nas crianças e é por ai que a gente trabalha. (13/03/2015 – C6P3).

Trabalhar a realidade da criança, eu acho que trabalhar de acordo com a realidade, pronto... como nós trabalhamos aqui no Multirão, a realidade bem carente, não tem como a gente trazer uma realidade de uma creche que venha do Cinza, que é uma zona urbana em relação aqui, trazer os mesmos conteúdos, as mesmas coisas para as crianças daqui. Elas não vivenciam tudo né? Às vezes a gente até coloca uma proposta um tema que elas ficam... Quando tem eventos, evento com palhaço, evento que a gente teve ano passado, projeto (Major Palito), elas ficarão como se estivesse em outro planeta, porque não é vivenciado no bairro né? Eles vivem o que?... eles vivem em situações vulneráveis, tem crianças que frequenta só um turno, que de manhã vai para o lixão, contribuir com a família naquela catação de lixo, tal e tal, pra depois vir pra cá. né?...

Você costuma assim... trabalhar música, desenho, outras linguagens?

História. Música história, desenho, principalmente no maternal e no pré.

Tu podia falar como tu trabalha?

A gente trabalha com fantoches, né? Trabalha a história, tenta dramatizar com as crianças, tem as hora do conto, coloca em rodinha lá no pátio, prepara o cenário, faz um tapetes que tem ali, tem muita coisa, tem material de apoio, é... Por exemplo: chapeuzinho vermelho, aí a gente tem todo aquele tema, tem os aventais também né? Temáticos, coloca a crianças, tem uns tapetes já temáticos com as histórias que eles já trabalharão, pra gente vivenciar de acordo com que tá na história, a criança faz também o reconto, entendeu? E música também, a música... (04/03/2015 – C7P1).

Assim... tu quer dizer dos trabalhos?

Sim. Quando você vai planejar sua aula quais os conteúdos são mais privilegiados?

A pintura, a colagem, atividades que a gente faz sempre com eles continua aqui é pintura, colagem. Às vezes eu entro... eu gosto muito de cantar músicas, gravuras, eu trabalho com eles. História com gravurazinhas, eu sempre trabalho muito com cartazes é... eu gosto que só... música. Já ontem eu estava trabalhando aqui o pintinho. Ai, eu trouxe o pintinho amarelinho. Ai, eles cantaram foi muito. Ai, eu trabalho assim. Quando eu... eu é... ponho uma música para eles eu gosto muito de mostrar o cartaz da músicazinha, é... pra eles. (04/03/2015 – C8P1).

Todas elas são importantes, agora aqui na educação infantil, no meu caso berçário, né? É a linguagem oral, os sons, os movimentos, a linguagem oral.

Como você trabalha a linguagem oral?

A gente trabalha nessas formas, a gente trabalha muita música, muita conversa, falar mesmo com a criança, é... músicas, músicas calmas, músicas relaxantes, DVD's infantil, livros, manuseios, entregamos livros para eles manuseá-los, pegarem. (04/03/2015 – C8P2).

8. Fale sobre o desenho na Educação Infantil?

Acho muito importante sim. Por que o desenho na Educação Infantil consegue dizer coisas deles, né? Não é como a alfabetização no fundamental. Na Educação Infantil eles mostram o que estão sentido. Através do desenho eles mostram o sentimento deles. (11/03/2015 – C2P2).

Eu acho muito importante por que assim, através do desenho a gente vai vendo o desenvolvimento e a motricidade, né? A gente sempre deixa... desde cedo a gente sempre procura dar papel, lápis. Assim, pra eles rabiscarem, né? Porque isso vai desenvolvendo e a gente já percebe no maternal um bom desenvolvimento que quando a gente vai pedir para a criança desenhar, se desenhar, né? Eles já conseguem colocar... fazer a cabeça, as perninhas, uma boa parte, entendeu? Através do desenho a gente já ver como anda o desenvolvimento da criança, da pra perceber muito bem. Eu acho muito importante o desenho na educação infantil. Desenhar, pintar, rabiscar. Esse tipo de coisa. (11/03/2015 – C2P3).

Bom. O desenho inicialmente, né? É no berçário... ele no caso a gente trabalha com a visualização, a partir do momento que a criança já entra no B2, a gente já vai trabalhando os rabiscos com eles. Após, esses desenhos que é como uns rabiscos de acordo com os níveis

deles e as séries vão evoluindo e isto a gente vai fazendo uma alto avaliação é... tem o rabisco, temos as garatujinhas. E, inicialmente, a gente trabalha o desenho do corpo, né? Então, a gente já vai vendo a estrutura que eles já desenham. O corpo sempre, normalmente, eles desenham uma bolinha que dentro da bolinha eles puxam um bracinho, o outro, a perna, a outra perna e faz o olho. Ou seja, eles já tem noção onde é os olhos, o nariz, boca, os braços e depois eles já vão criando a estrutura... ué... a cabeça, os braços não é só cabeça, tem o corpo. Ai, eles vão desenhando a cabeça e depois eles separam. Faz o corpo, ai puxam os bracinhos, as perninhas. Enfim, é bem interessante e bem legal cada nível de desenho desde o rabisco, desde as garatuja, que tudo para eles são as garatuja até realmente a estrutura corporal que eles desenham, esse é um dos primeiros desenhos que a gente tenta é... incentiva-los a fazer porque a gente consegue avaliar os níveis deles a partir dos desenhos. (02/03/2015 – C4P3)

No caso é a expressão deles, né? É aqui no berçário tem essa parte também, mais é como eu lhe disse, lá depois de junho que a gente começa a trabalhar mais isso que é os rabiscos, né? A gente dar papel, tinta, dar coisa e eles... a gente faz um trabalho bem legal com eles em relação a isso, mais assim... é livre.

Em geral na Educação Infantil o que você acha do desenho?

Desenho... é muito importante porque é no desenho que a gente vai descobrindo a descoberta deles, entendeu? Que eles vão mostrando o que já sabem a cada rabisco, a cada... que vai evoluindo, assim... quando você acompanha o processo, você vendo a evolução deles em cada rabisco, o que eles fazem é muito importante. (02/03/2015 – C4P4).

Importante. Nós trabalhamos aqui com o desenho que no inicio é rabiscos, né? Mais assim, pra eles ter o contato com o lápis, pra eles saberem manuseá-los. (17/03/2015 – C5P2).

Formas de expressão e forma de ver o mundo pessoalmente e individual. (13/03/2015 – C6P2).

Muito importante o desenho na educação infantil, até porque o desenho expressa atuação, a situação atual da criança, às vezes a criança vem muito agressiva pra cá, ela chora muito a gente não sabe o por que, a partir do momento que a gente deixa ela livre pra desenhar, e claro esse livre com aspas, porque a gente vai monitorar direitinho, vai encaminhar vai fazer as interferências precisas e o desenho exprime tudo, as vezes até uma questão familiar, e a

criança desenha a família, usa cores fortes, essas cores fortes indica que algo que está acontecendo ou então faz uma coisa super bonita, muito singela, então indica, que a criança está feliz, está bem. E pra isso o professor tem que entender que a gente precisa da teoria ai, porque jamais eu vou identificar no desenho da criança o que ela está expressando se eu não tiver um pouco de teoria pra isso. (13/03/2015 – C6P3)

A criatividade da criança, eu acho que a criança... Assim, eu creio que... não trazer nada pronto, que a gente pode despertar na criança a criatividade, em todos os aspectos, porque trazer o material, trazer um palhacinho, trazer uma bola, trazer só pra pintar, dentro daquele espaço, é muito cômodo, a criança tem que... desenvolver, entendeu? (04/03/2015 – C7P1)

Muito importante. Importante demais. Eu gosto muito. Eu comecei com desenho aqui agora pra mim ver é... como eles estão assim... a parte da coordenação deles. Eu comecei assim... antes de ontem porque eu não sabia como começar. Eu vou começa com a parte do desenho que é pra eu ver como é que eles estão , a coordenação deles. Ai, como tem uns deles que já veio do B1, já sabe pegar no lápis, tem uns que não sabe pegar diferente é assim... eu comecei pra eu ver como é que eles estavam é... eu resolvi começar pra eu ver si realmente... por que tem um que é novato e os que já são do berçário já sabem pegar no lapisinho. Assim, é... já sabem... (04/03/2015 – C8P1).

Desenho é importantíssimo, por que primeiro ele vai desenvolver a coordenação motora da criança, né? Vai preparar ela pra quando ela chegar lá na alfabetização, como também a expressão dela, pra ela se expressar, pra você conhecer a criança, para você saber a capacidade que cada um tem de avançar... é importante. (04/03/2015 – C8P2).

QUESTIONÁRIO E RESPOSTAS – MATERNAL

7ª Questão

P: Que linguagens/ temas/ conteúdos você privilegia quando vai planejar sua prática pedagógica com as crianças?

R: Linguagens orais, escritas, de texto?

P: É... ou a música?

R: Nós trabalhamos muito o quê? Com atividades introduzidas, nós trabalhamos muito com músicas, trabalhamos com, é... Além das músicas, dramatização, história, conto é reconto né? Que são as dramatizações. Trabalhamos além disso aí, trabalhamos conto e reconto, que eu já falei né? As dramatizações, as músicas, trabalhamos as pinturas, as colagens, tudo isso aí é um conjunto, é como eu disse a você, vai depender do conteúdo introduzido. Porque tem conteúdos que você introduz requer uma sistematização, por exemplo, trabalhar a escrita, ou a linguagem oral, né?

A linguagem não verbal, que é a questão do desenho, da ilustração. Nós trabalhamos tudo isso a gente trabalha.

P: A respeito do desenho e da música, como você trabalha?

R: primeiro colocamos a música pra eles ouvirem, depois colocamos pra eles dançarem, entendeu? Aí depois é que colocamos em seguida pra que eles dramatizem. É o desenho da música após a dramatização colocamos pra eles ilustrarem a música pra haver a melhor fixação do conteúdo, entendeu? É assim que a gente trabalha. (C1;P2, 04/03/2015)

R: Eu procuro assim... o que a gente ver que é mais importante, né?Naquela faixa etária das crianças, né? Eu procuro assim...uma linguagem mais simples possível, né? Porque a gente tá trabalhando com crianças e usando muito a questão de... de... fantoches, de brinquedos. Assim, tipo... gente mostra algumas coisas, demonstra. A questão de demonstrar por que a criança ela aprende muito quando ela tá vendo, né? Então, não adianta a gente falar... falarporque não é uma classe adulta. Então, a gente é mais assim a questão de demonstrar. A gente vai mostrando como se deve fazer, como se deve agir e as crianças aos poucos elas vai entendendo e assim, é... essa linguagem. Uma linguagem simples e mais assim, através da demonstração, das atitudes e assim, utilizando, fantoches, brinquedos, mostrando sobre aquele determinado tema que a gente tá trabalhando.

P: Como você trabalha esses temas, esses conteúdos?

R: Como assim?

P: O método que você usa. A forma como você trabalha com eles?

R: Assim, é como eu te falei, né? Geralmente, a gente trabalha usando uma linguagem simples e usando... pronto, no berçário, por exemplo, se a gente for trabalhar sobre a higiene. A gente pega é... como a gente já trabalhou e num maternal também, pega um bebezinho... um boneco, né? Ai, faz a... a... mostrando como deve ser a higienização, é como é que é para escovar os dentes, tomar banho, este tipo de coisa, entendeu? (C2; P3, 11/03/2015)

R: Na minha turma, que é uma turma de maternal I eu...a gente faz sempre cotação de história, canto de muitas músicas, de conhecimento dos ambientes da creche, os principais temas da gente são esses. A oralidade e a expressão corporal é muito importante porque são bebezinhos ainda. (C2;P6, 11/03/2015)

R: A expressão corporal, porque a expressão corporal fala tudo, ele ainda tá desenvolvendo a oralidade, aí a expressão do corpo, eu trabalho muito o corpo, é tanto que eu saio daqui muito cansada, porque eu pulo, eu canto, eu me jogo no chão, Entendeu? Pra que eles percebam, eu rolo no chão se for preciso, porque eu trabalho com crianças que tá começando à andar, começando a falar, então pra que a oralidade seja desenvolvida tem que desenvolver o corporal, a questão da movimentação. (C3;P5, 02/03/2015)

R : O conhecimento do "eu" é importante, porque quando eu trabalho o "eu" com as crianças nós trabalhamos a família, trabalhamos a moradia, trabalhamos a comunidade, essa comunidade é muito interessante, então, porque eles trazem informações que não tá no meu cotidiano, entendeu? e acredito que não tá no conteúdo das mídias, aí quando eles vêm: "tia aconteceu isso, tia atiraram não sei aonde" Então a gente tenta trazer aquilo pra, assim... a gente tenta desmistificar esse pensamento deles, mas de uma maneira que não fuja da... do que é necessário no cronograma, entendeu? Então a gente trabalha o "eu", a gente trabalha a brincadeira, a musicalização, a literatura, o conhecimento do corpo, nós trabalhamos também matemática, é um encanto trabalhar matemática com a educação infantil né? porque tudo é com concreto, com contato, eu acho... é nessa linha que a gente trabalha. (C3;P8, 17/03/2015)

R : É...Assim, os temas vão de acordo com o dia a dia né? da criança, da turma. (C4;P6, 02/03/2015)

R : A questão da oralidade, né? na linguagem a questão da linguagem corporal também, porque a faixa etária de maternal ela privilegia muito isso, a oralidade, o corpo, o movimento, então eu procuro enfatizar sempre... especificar bem a oralidade e a questão do movimento pra que a criança possa desenvolver bem as suas especificidades. (C5; P2, 17/03/2015)

R : A linguagem é a oral, a gente trabalha mais a linguagem oral. Cantar né? A gente trabalha muito o cantar, o imitar que é tudo oralmente, que é pra chamar atenção, chamar atenção da criança e é isso. É a oralidade com eles, sempre. E o linguajar deles, né? a linguagem que a gente usa é de acordo com a faixa etária deles. (C5;P5, 17/03/2015)

R: Aqui é... nós usamos muito a leitura como base, acha que tudo parte da leitura, quando o professor lê muito pra criança e através dessa leitura a gente faz releitura, e produz... e produz temas a parti deles, a gente faz uma leitura e pergunta o que eles entenderam dessa leitura, fazendo a releitura e a parti dali que historia a gente pode criar com tudo isso, então tudo aqui a gente parte da criança, nada de muito assim, é claro que o tradicional o construtivismo todas essas tendências são utilizadas, né? Todas essas são utilizadas, mas assim, a gente procura que... vai a partir da criança, a criança da pré-escola aqui tem muitas que saem lendo e chegam lá no fundamental e consegue desenvolver um bom trabalho, porque? Porque parte delas, a gente jamais vai chegar aqui e vai pedir que a criança faça uma atividades é... que não sejam dirigidas, que não sejam atividades que elas sabem o que tá fazendo, só por fazer, ela tem que fazer porque tem que cumprir, a gente não tem que cumprir nada a gente tem que desenvolver as habilidades nas crianças e é por ai que a gente trabalha. (C6; P3, 13/03/2015)

R: Na linguagem a gente trabalha, com as literaturas, os paradidáticos, é... Os gêneros textuais, desde o maternal, a gente já trabalha com os gêneros textuais, no sentido do contato, pra criança ter o contato. Mas... E também com reconto, eles já fazem reconto no maternal, é uma prática já desde o maternal, aqui o reconto, e.... É... em relação a linguagem é mais isso.

P: Como você trabalha esses conteúdos?

R: A gente trabalha com a contação de história, com o reconto, com música né? o desenvolvimento da... da oralidade, vocabulário, com... atividades de escrita com grafismo, é assim dessa maneira. (C6;P8, 13/03/2015)

R: Aqui é... nós usamos muito a leitura como base, acha que tudo parte da leitura, quando o professor lê muito pra criança e através dessa leitura a gente faz releitura, e produz... e produz temas a parti deles, a gente faz uma leitura e pergunta o que eles entenderam dessa leitura, fazendo a releitura e a parti dali que historia a gente pode criar com tudo isso, então tudo aqui a gente parte da criança, nada de muito assim, é claro que o tradicional o construtivismo todas essas tendências são utilizadas, né? Todas essas são utilizadas, mas assim, a gente procura que... vai a partir da criança, a criança da pré-escola aqui tem muitas que saem lendo e chegam lá no fundamental e consegue desenvolver um bom trabalho, porque? Porque parte delas, a gente jamais vai chegar aqui e vai pedir que a criança faça uma atividades é... que não sejam dirigidas, que não sejam atividades que elas sabem o que ta fazendo, só por fazer, ela tem que fazer porque tem que cumprir, a gente não tem que cumprir nada a gente tem que desenvolver as habilidades nas crianças e é por ai que a gente trabalha. (C6; P9, 13/03/2015)

R: Trabalhar a realidade da criança, eu acho que trabalhar de acordo com a realidade,pronto... como nós trabalhamos aqui no Multirão, a realidade bem carente, não tem como a gente trazer uma realidade de uma creche que venha do Cinza, que é uma zona urbana em relação aqui, trazer os mesmos conteúdos, as mesmas coisas para as crianças daqui. Elas não vivenciam tudo né? Às vezes a gente até coloca uma proposta um tema que elas ficam... Quando tem eventos, evento com palhaço, evento que a gente teve ano passado, projeto (Major Palito), elas ficarão como se estivesse em outro planeta, porque não é vivenciado no bairro né? Eles vivem o que?... eles vivem em situações vulneráveis, tem crianças que frequenta só um turno, que de manhã vai para o lixão, contribuir com a família naquela catação de lixo, tal e tal, pra depois vir pra cá. né?...

P: Você costuma assim... trabalhar música, desenho, outras linguagens?

R: História. Música história, desenho, principalmente no maternal e no pré.

P: Tu podia falar como tu trabalha?

R: A gente trabalha com fantoches, né? Trabalha a história, tenta dramatizar com as crianças, tem as hora do conto, coloca em rodinha lá no pátio, prepara o cenário, faz um tapetes que

tem ali, tem muita coisa, tem material de apoio, é... Por exemplo: chapeuzinho vermelho, aí a gente tem todo aquele tema, tem os aventais também né? Temáticos, coloca a crianças, tem uns tapetes já temáticos com as histórias que eles já trabalharão, pra gente vivenciar de acordo com que tá na história, a criança faz também o reconto, entendeu? E música também, a música... (C7; P1, 04/03/2015)

R: Assim... tu quer dizer dos trabalhos?

P: É. Que linguagens você trabalha com as crianças?

R: Trabalho muito com colagem, atividade que a gente faz sempre com eles, contínuas, pintura, colagem, às vezes eu... eu gosto muito de cartaz com música, gravuras, eu trabalho com eles. Histórias com gravuras e sempre eu trabalho muito com cartazes, eu gosto que só. Música. Já ontem eu tava trabalhando, aqui, o pintinho, aí eu trouxe, o pintinho amarelinho, aí eles cantaram foi muito. Aí eu trabalho assim. Quando eu ponho uma música pra eles, aí eu gosto muito de mostrar o cartaz e mostrar a musicazinha pra eles. (C7;P3, 04/03/2015)

R: A linguagem, eu sempre trabalho com linguagem oral certo? E também a verbal e a não verbal, a gente trabalha porque já é do maternal 2... a gente trabalha com a linguagem oral, trabalha muito conto, recontos certo? A gente trabalha também a parte matemática, também dentro da linguagem, entendeu? Porque como é... creche a gente trabalha os conteúdos inseridos, todos os conteúdos inseridos num só conteúdos entendeu?

P: E como você trabalha esses conteúdos?

R: Eu trabalho através de encaixes, de jogos é... de conto, historia, reconto, dentro do eixo temático que a gente está trabalhando né? Ai eu trabalho conto, reconto, é... cores, formas, certo? Tudo dentro, porque se você vai contar uma historia, você apresenta uma cor, você já trabalha aquela cor que estar inserida ali, então, nos trabalhamos... e dentro do eixo temático que está sendo trabalhado em cada etapa. (C8; P4, 11/03/2015)

8ª Questão

P: Fale sobre o desenho na educação infantil.

R: Olha, o desenho nós trabalhamos tanto no desenho sistematizado, como já lhe disse né? E o desenho livre, temos aquele desenho que parte do conteúdo introduzido e temtem o desenho livre, por exemplo, como eu já disse, o desenho sistematizado é o da música e o desenho livre

é o que a gente bota pra eles fazerem o que eles quiserem. A gente dá total liberdade para que eles criem, entendeu? Por isso que eu digo que é tudo no construtivista.

P: A partir desse desenho a criança, o que você pode perceber?

R: A gente pode notar a criatividade, a sensibilidade, entendeu? Olha, você nota tanta coisa, quando você vai analisar o desenho de uma criança você descobre coisa que nem você imaginava que elas era capaz de fazer, você descobre muita coisa. Tem criança que tem uma imaginação fértil. (C1;P2, 04/03/2015)

R: Eu acho muito importante por que assim, através do desenho a gente vai vendo o desenvolvimento e a motricidade, né? A gente sempre deixa...desde cedo a gente sempre procura dar papel, lápis. Assim, pra eles rabiscarem, né? Porque isso vai desenvolvendo e a gente já percebe no maternal um bom desenvolvimento que quando a gente vai pedir para a criança desenhar, se desenhar, né? Eles já conseguem colocar... fazer a cabeça, as perninhas, uma boa parte, entendeu? Através do desenho a gente já ver como anda o desenvolvimento da criança, da pra perceber muito bem. Eu acho muito importante o desenho na educação infantil. Desenhar, pintar, rabiscar. Esse tipo de coisa. (C2; P3, 11/03/2015)

R : Eu acho muito importante o desenho porque o desenho ajuda na criatividade, Né? Então, apesar de ser crianças pequenininhas, eu vou falar de modo geral, eu acho que o desenho ajuda na criatividade, na leitura também, no desenvolvimento em geral. (C2;P6, 11/03/2015)

R: O desenho é fundamental porque os primeiros rabiscos da criança ao qual ele vai desenvolver sozinho, a escrita espontânea dele é o desenho, então se foi um rabisco o que ele desenhou eu prezo e eu considero, muito melhor do que eu construir pra que ele pinte, não, ele tem que construir o próprio desenho pra que ele próprio possa pintar. Então pra mim os primeiros traços, rabisco da criança, que é a fase da esquemática eu aprovo e assino em baixo. Acho fundamental, acho lindo o desenho da criança. (C3;P5, 02/03/2015)

R : O desenho pra mim é... eu não sei por que... muito antes né? porque eu não trabalhava com a educação infantil antes eu trabalhava com o ensino fundamental, então a educação infantil pra mim foi uma descoberta. Quando eu comecei eu olhava assim, eu não me identificava com aquele universo, aí foi quando eu passei no vestibular, fui chamada pra

fazer pedagogia, e eu fiquei perdida, eu digo "meu Deus o que é que eu faço?" Mas quando eu comecei a pagar a disciplina de psicologia da infância e da adolescência, que eu vi o desenvolvimento da criança, o que ela representa através do desenho, né? aquela maravilha. Pra mim o desenho da criança, ele diz muito, ele representa muito dela e encanta muito. Eu tenho trabalhos das minhas crianças, desenhos eu guardo pra mim (risos) é um arquivo pessoal que é incrível. Eu vejo muito no desenho dela, representa muito, fala muito sobre ela, sobre o que ela vive. É essa a minha visão sobre o desenho delas. (C3;P8, 17/03/2015)

R : O desenho? É importante porque é através do desenho que a criança aprende, porque o desenho trás o que? As cores né? Então, ajuda bastante a criança, ele vai saber o meio, né? E chama muito a atenção das crianças, porque é através dele que elas aprendem, desenvolvem. (C4;P6, 02/03/2015)

R : É algo muito grandioso, porque nós sabemos que ali, um risco que a criança faz, ela está querendo expressar alguma coisa, né? e a gente ver a importância que tem as garatujas que elas constroem, que elas expressam, então o desenho é muito importante na educação infantil. (C5; P2, 17/03/2015)

R : O desenho que eles praticam? Eu acho super interessante, porque é o desenvolver deles, ali é eles. Então é super, não tem nem palavras, é super interessante. (C5;P5, 17/03/2015)

R: Muito importante o desenho na educação infantil, até porque o desenho expressa atuação, a situação atual da criança, às vezes a criança vem muito agressiva pra cá, ela chora muito a gente não sabe o porque, a partir do momento que a gente deixa ela livre pra desenhar, e claro esse livre com aspas, porque a gente vai monitorar direitinho, vai encaminhar vai fazer as interferências precisas e o desenho exprime tudo, as vezes até uma questão familiar, e a criança desenha a família, usa cores fortes, essas cores fortes indica que algo que está acontecendo ou então faz uma coisa super bonita, muito singela, então indica, que a criança está feliz, está bem. E pra isso o professor tem que entender que a gente precisa da teoria aí, porque jamais eu vou identificar no desenho da criança o que ela está expressando se eu não tiver um pouco de teoria pra isso. (C6; P3, 13/03/2015)

R: Ah. o desenho nessa faixa etária, eu posso dizer que... é a demonstração da criança né? em... É... a sua aprendizagem, seu desenvolvimento, quando a gente... Quando a gente faz alguma atividade, o desenho ele fala né? o desenho ele fala pela criança, então, dali a gente continua o trabalho, a gente procura avançar, o desenho é de grande importância, não só no maternal, mas, creio que... Durante toda educação infantil. (C6;P8, 13/03/2015)

R: Muito importante o desenho na educação infantil, até porque o desenho expressa atuação, a situação atual da criança, as vezes a criança vem muito agressiva pra cá, ela chora muito a gente não sabe o porque, a partir do momento que a gente deixa ela livre pra desenhar, e claro esse livre com aspas, porque a gente vai monitorar direitinho, vai encaminhar vai fazer as interferências precisas e o desenho exprime tudo, as vezes até uma questão familiar, e a criança desenha a família, usa cores fortes, essas cores fortes indica que algo que está acontecendo ou então faz uma coisa super bonita, muito singela, então indica, que a criança está feliz, está bem. E pra isso o professor tem que entender que a gente precisa da teoria aí, porque jamais eu vou identificar no desenho da criança o que ela está expressando se eu não tiver um pouco de teoria pra isso. (C6; P9, 13/03/2015)

R: A criatividade da criança, eu acho que a criança... Assim, eu creio que... não trazer nada pronto, que a gente pode despertar na criança a criatividade, em todos os aspectos, porque trazer o material, trazer um palhacinho, trazer uma bola, trazer só pra pintar, dentro daquele espaço, é muito cômodo, a criança tem que... desenvolver, entendeu? (C7; P1, 04/03/2015)

R : Demais. Eu gosto muito. Eu comecei com desenho agora, pra mim ver como eles estão, assim, a parte da coordenação deles. Eu comecei assim. Antes de ontem, porque eu não sabia ainda como começa, aí eu falei: “Não. Vou começar com a parte de desenho que é pra mim ver como eles estão, a coordenação deles.”. Aí como tem uns que já vem do berçário, já sabem pegar no lápis, tem uns que não sabem, pega diferente, e assim, eu comecei pra mim ver como era que eles estavam. É... eu digo: eu começar pra mim ver se realmente... , porque tem uns que são novatos e os que já são do berçário já sabe pegar no lapisinho. (C7;P3, 04/03/2015)

R: É... eu também trabalho com grafismo que é um desenho né? E ali você vai fazer uma...

porque você pode trabalhar o grafismo tanto na parte visual também, visualizar primeiro uma história, uma... visualizar um CD, e depois você faz o grafismo, e dentro daquele grafismo que você desenvolve, que você trabalha com uma criança, você vai trabalhar as etapas do grafismo, silábico, pré-silábico porque a silábica ainda é rabisco... a gente é menos porque é creche, e aí você pode trabalhar as etapas do grafismo dentro do grafismo do desenho. (C8; P4, 11/03/2015)

QUESTIONÁRIO E RESPOSTAS – PRÉ-ESCOLA

7ª Questão

P: Que linguagens/temas/ conteúdos você privilegia quando vai planejar sua prática pedagógica com as crianças?

R: Tipos de linguagens? A gente trabalha muito com linguagem oral aqui, né? Por que tem crianças que não sabem falar ainda, você trabalha muito linguagem oral e trabalha tudo, a gente os movimentos, corpo, assim, os movimentos, tudo. Aqui a gente já começa dos primeiros passos mesmo.

P: Como você trabalha esses conteúdos?

R: A gente trabalha muito com música, é através da música que a gente começa trabalhar esses textos, essas coisas. É tudo com música, tudo com música, muita história infantil. A gente trabalha muito com fantoche, essas coisas e... é mais ou menos assim. **(C2;P4 11/03/2015)**

R: As que eu acho mais importantes, que é a parte de linguagem, da oralidade, a ludicidade, a coordenação motora e aí quando eu falo em coordenação motora eu não tô me referindo àquelas coisas bem tradicionais de cobrir pontinho não, porque a parte que a minha turma, que é maternal II, a coordenação motora grossa, ela tá, assim, em pleno desenvolvimento, é um momento privilegiado. Então é isso que eu procuro dar mais ênfase, além, assim, da parte da natureza que eles adoram que é muito bom de trabalhar, enfim, é isso que eu tô lembrando. (risos) **(C2;P7 11/03/2015)**

R: Eu busco trabalhar com textos, com a linguagem textual, geralmente em cima de um texto eu trabalho com eles, aí esse texto a gente trabalha alguns dias, na verdade, pra eles fixarem a partir de desenhos também, de coordenação motora livre também, que assim a partir dos textos eles vão criar na cabeça deles né? o que foi visto naquele texto. Escrita também, eu gosto bastante, assim, de focar na escrita, porque eu vejo assim... eu trabalho na escola particular também, e a gente ver que as realidades são totalmente diferentes e eu busco trazer o que eu vejo lá para aqui, sabe? assim, não é porque as crianças são de escola pública que eu jogo eles pra lá. eu busco bastante, porque eu acho interessante, assim, a gente ver que a educação, ela pode ser trabalhada...essas crianças, elas podem aprender tanto, quanto lá,

Sabe? mesmo com um pouco mais de dificuldade, porque a gente sabe que não tem o envolvimento dos pais tanto quanto lá, mas assim eu busco trazer bastante o conhecimento de lá, então eu busco trabalhar...que na verdade nas creches eles não querem que a gente trabalhe até determinada idade, é tanto que quando eu peguei turmas menores, eu não sei se isso vai interessar, mas, assim, como tá no contexto, quando eu peguei turmas menores eles não querem que a gente trabalhe essa escrita, eles não querem que a gente trabalhe esse desenvolvimento e fica difícil, porque lá no futuro, quando essas crianças estiverem precisando escrever, precisando ler vai tá bem atrasado, da realidade da escola particular, aí como é que você diz uma educação de qualidade pra estar igual e, na verdade, não insere essas Coisas? Então, assim, eu busco bastante também trabalhar essa parte de leitura, de escrita, a partir de desenho, de texto, de formação de textos com as crianças. **(C3;P9 02/03/2015)**

R: É... como a minha turminha é pré I, a gente faz a produção de textos verbal e não verbal, a gente também faz a coletiva, eu conto uma historia, depois as crianças vão fazer o reconto, tem também a escrita, é... o desenho, a expressão do fim de semana a gente usa trava línguas quando vem, quando está... quando está no período do folclore, eles manuseiam jornais, gibis e os livros da escola, a literatura da escola. **(C5;P6 17/03/2015)**

R : Os temas geralmente são combinados dos projetos que a gente trabalha né? Pronto, agora vai entrar a páscoa, então a gente vai procurar planejar as atividades, não vai deixar de trabalhar linguagem, matemática, autonomia, identidade, os outros conteúdos, ciências, não vai deixar de planejar, portanto a gente vai partir do tema páscoa pra desenvolver as atividades, então a gente procura vídeo, música, uma linguagem infantil que atenda a necessidade da criança, sempre preocupada em atender a necessidade da criança e passar pra criança alguma coisa que ela vai absorver e não uma coisa, assim, abstrata, entendeu? Então eu vou trazer uma coisa pra um nível de uma criança de 7 anos pra minha criança de 4, não, não tem coerência eu tenho que procurar alguma coisa, um vídeozinho infantil. Se o tema for natal, então eu vou procurar alguma coisa ligada ao natal, então vamos trabalhar valores como solidariedade, compaixão, perdão, amor, amizade, apesar de que a gente trabalha isso ao longo do ano, né? porque as crianças vem com agressividade muito grande, então a gente tem que começar esses valores desde o primeiro dia de aula. **(C6;P6 13/03/2015)**

R: São justamente esses que ti falei, pronto... a educação infantil a gente começou... Nós estamos no maternal II, nos estamos trabalhando o "eu" a identidade com o nome, porque nós ainda estamos esperando receber da prefeitura, a proposta para 2015. Então a gente está trabalhando em relação ao que trabalhou ano passado, pra não ficar o planejamento solto, essa semana só identidade.

P: Mas ano passado, na pré-escola, quais eram os conteúdos?

R: Natureza e sociedade, é... família e escola, tinha também... São... É porque tinham várias, aí como eu mudei de turma não tenho certeza como ficou do... do pré. Entendeu?

P: Você acha importante esses conteúdos?

R: Sim e não. Acho que também tem alguns que se tornam repetitivo, entendeu? Poderia ser mais bem revista a questão, a gente ver a necessidade de outras... outras questões, tanto que a gente vai dando uma pincelada, fugindo um pouquinho do planejamento né? Já que o planejamento é inflexível, a gente foge um pouco.

P: Como assim repetitivo? Quais são os temas que você acha que são repetitivo?

R: Escola, aí o "eu", aquela questão do trabalhar o nome, e tal e tal, e às vezes uma turma trabalha sempre igual a outra, aí as vezes a criança já espera, tu tá entendendo? Já espera que o "eu" sou "eu", aquela letrinha do nome, aquela coisa bem. (C7; P1, 04/03/2015)

R: Trabalhar a realidade da criança, eu acho que trabalhar de acordo com a realidade, pronto... como nós trabalhamos aqui no Multirão, a realidade bem carente, não tem como a gente trazer uma realidade de uma creche que venha do cinza, que é uma zona urbana em relação aqui, trazer os mesmos conteúdos, as mesmas coisas para as crianças daqui. Elas não vivenciam tudo né? às vezes a gente até coloca uma proposta um tema que elas ficam... Quando tem eventos, evento com palhaço, evento que a gente teve ano passado, projeto (Major Palito), elas ficarão como se estivesse em outro planeta, porque não é vivenciado no bairro né? eles vivem o que?... eles vivem em situações vulneráveis, tem crianças que frequenta só um turno, que de manhã vai para o lixão, contribuir com a família naquela catação de lixo, tal e tal, pra depois vir pra cá. né?...

P: Você costuma assim... trabalhar música, desenho, outras linguagens?

R: História. Música história, desenho, principalmente no maternal e no pré.

P: Tu podia falar como tu trabalha?

R: A gente trabalha com fantoches, né? trabalha a história, tenta dramatizar com as crianças, tem as hora do conto, coloca em rodinha lá no pátio, prepara o cenário, faz um tapetes que tem ali, tem muita coisa, tem material de apoio, é... Por exemplo: chapeuzinho vermelho, aí a gente tem todo aquele tema, tem os aventais também né? temáticos, coloca a crianças, tem uns tapetes já temáticos com as histórias que eles já trabalharão, pra gente vivenciar de acordo com que tá na história, a criança faz também o reconto, entendeu? e música também, a música... (C7;P4 04/03/2015)

8ª Questão

P: Fale sobre o desenho na educação infantil.

R: Minha filha, uma das coisas muito importante é o desenho, porque aqui a gente trabalha, desde o maternal I a gente já trabalha muito, em todas elas sabe? a gente já desenha, mas no maternal I a gente trabalha, porque quando a gente conta a história, certo? Aí depois a gente pede pra eles representarem essa história com desenho. É muito engraçado. No começo do ano é uma coisa engraçada, só é os tracejados né? Mas quando chega no final do ano já começa a pegar forma, já tem os desenhos, já tem formas mais definidas. Agora, a gente trabalha com criança muito pequena, porque eu trabalho o berçário e trabalho no maternal I aí no final do ano é que aí começa a aparecer os desenhos mesmo, círculos, essas coisas. Mas é muito importante o desenho pra eles. (C2;P4 11/03/2015)

R : O desenho, o desenho é um momento que a criança representa como ela percebe as coisas, ela coloca no papel aquilo que ela percebe, como ela ver as coisas. Eu não vejo, pelo menos eu não acredito que o desenho, ele seja útil se ele for usado como reprodução, como cobrir pontinhos, por exemplo, né? Mas eu acredito que o desenho ele é como a criança percebe determinado aspecto , o mundo, seja lá o que for e ela coloca no papel, ela representa no papel. (C2;P7 11/03/2015)

R: Eu acho importante. Por que? Porque querendo ou não, assim, o desenho livre, onde eles vão expressar, o que eles sentem, né? Então assim, quando eles expressam o que eles sentem, o que eles vivem, a gente, a partir daquele desenho, a gente consegue identificar e as vezes a gente consegue até identificar e as vezes a gente consegue até ajudar. né? Quando se permite,

que às vezes infelizmente a família não permite, mas quando se permite a gente consegue ajudar e, assim, é interessante porque é a partir desse desenho, eles vão criando a coordenação, tipo assim, a gente, eu tá vá até trabalhando agora com a outra professora, a gente trabalhando a parte do corpo, onde a gente vai mostrando que existe cabeça, pescoço e vai sabe? E onde eles começam fazendo aquela cabecinha com aquele palitinho e depois eles vão aprendendo, e a gente vai mostrando essa diferença é eles vão aprendendo a partir desse desenho que existem além mais do até eles colocaram naquele papel. **(C3;P9 02/03/2015)**

R: Aham. É... o desenho ele é importante, porque a criança pode se expressar através deles seus sentimentos, e também o comportamento que ela ver do seu amigo, daquele ambiente, e também a facilita no traçado da letra... da criança. **(C5;P6 17/03/2015)**

R : Importantíssimo. Trabalho muitas literaturas, todos os dias eu leio história pra eles, conto histórias pra eles, depois coloco alguém pra recontar a história, outro dia vem outro, trouxe um livrinho, vamos contar...fulaninho vai contar contar a história, claro que a criança não sabe decodificar as letras, mas ela sabe fazer a leitura de imagens e sai cada história belíssima, e geralmente eu peço pra fazer o registro do que mais gostou naquela história , dos personagens, outro dia dos personagens, outro dia como começou a história, vamos desenhar o começo da história, até porque o desenho vai mostrando as idéias da criança, a criatividade e a própria letra da criança no futuro, com os traçados dos desenhos. **(C6;P6 13/03/2015)**

R: Trabalhar a realidade da criança, eu acho que trabalhar de acordo com a realidade,pronto... como nós trabalhamos aqui no Multirão, a realidade bem carente, não tem como a gente trazer uma realidade de uma creche que venha do Cinza, que é uma zona urbana em relação aqui, trazer os mesmos conteúdos, as mesmas coisas para as crianças daqui. Elas não vivenciam tudo né? Às vezes a gente até coloca uma proposta um tema que elas ficam... Quando tem eventos, evento com palhaço, evento que a gente teve ano passado, projeto (Major Palito), elas ficarão como se estivesse em outro planeta, porque não é vivenciado no bairro né? Eles vivem o que?... eles vivem em situações vulneráveis, tem crianças que

frequenta só um turno, que de manhã vai para o lixão, contribuir com a família naquela catação de lixo, tal e tal, pra depois vir pra cá. né?...

P: Você costuma assim... trabalhar música, desenho, outras linguagens?

R: História. Música história, desenho, principalmente no maternal e no pré.

P: Tu podia falar como tu trabalha?

R: A gente trabalha com fantoches, né? Trabalha a história, tenta dramatizar com as crianças, tem as hora do conto, coloca em rodinha lá no pátio, prepara o cenário, faz um tapetes que tem ali, tem muita coisa, tem material de apoio, é... Por exemplo: chapeuzinho vermelho, aí a gente tem todo aquele tema, tem os aventais também né? Temáticos, coloca a crianças, tem uns tapetes já temáticos com as histórias que eles já trabalharão, pra gente vivenciar de acordo com que tá na história, a criança faz também o reconto, entendeu? E música também, a música... **(C7; P1, 04/03/2015)**

R: Bom, o desenho é essencial na educação infantil. eu acredito que o desenho, é onde ela expressa toda a sua situação emocional, temporal. Então através do desenho ela coloca ali pra gente situações que ela tá vivendo. Então às vezes através de um desenho a gente pode descobrir se a criança está sendo violentada, se a criança está sendo espancada, se a criança está vivendo momentos de conflitos. Não só o desenho como a pintura também, porque a pintura ela revela pra gente cores fortes que transmite pra gente coisas muito agitadas, coisas que a criança não tá serena. Então acredito que não só o desenho, mas também a pintura a gente deve avaliar e ter os olhos bem críticos e tentar observar não aquele desenho só por fazer, mas um desenho onde você tem um objetivo e um desenho onde você possa perceber algo que seja transmitido por ele e que você possa fazer alguma coisa. Observar só por observar não, você observar, mas ao mesmo tempo você ver o quê? Que você pode fazer com aquele retrato que você viu mediante aquele desenho que a criança expôs pra você.

P: Você já vivenciou algum aluno expressando algum fato que ele estava passando através do desenho ou você não recorda?

R: Já. Já tive, não aqui nessa instituição, mas também se trata de criança. A criança fez um desenho, como já falei pintou com cores muito fortes e dentro desse desenho tinha alguns detalhes também, uns detalhes como se fosse uns traços, só que esses traços, eu fiquei procurando descobrir, porque que era envolta de uma criança, de uma pessoa, não era uma criança era uma pessoa, ela tinha desenhado, e eu chamei a criança e perguntei o que

significava aquilo ali, porque aqueles traços que estava em volta. A criança falou, não, é porque quando minha briga com meu pai ele joga o que ele tá na mão e um dia ele jogou e quebrou, e foi tudo pra todos os lugares. Então o que ele falou do tudo eu imaginei que tivesse sido alguma coisa que ele jogou, quebrou e no que quebrou tudo se espalhou. Foi a leitura que eu fiz desse desenho. Então eu acredito que assim, o desenho ele reflete, ele transmite muita coisa pra qualquer pessoa, qualquer profissional que veja e que olha aquele desenho com os olhos, realmente com os olhos de análise.

P: Você lembra a idade da criança?

R: Bom, eu não posso lhe falar diretamente, mas eu acredito que crianças entre quatro, cinco anos porque eu sempre vivenciei essa, essa etapa de educação infantil né? Então eu sempre trabalhei com crianças de três a quatro, de quatro a cinco, então tá dentro dessa, dentro desse linear aí ou entre três e quatro, ou quatro e cinco, não sei lhe dizer se é realmente três ou quatro, mas estava dentro desse parâmetro aí. (C7;P4 04/03/2015)